

DA ORIGEM E PROGRESSOS DA POESIA DE  
PORTUGAL :

POR

*Antonio Ribeiro dos Santos*

(Continuado dos Numeros antecedentes)

ARTIGO II.

SOBRE AS CARTAS EM VERSO

DE

*Egas Monis Coelho.*

Depois da Canção de Gonçalo Hermigues pomos as duas Cartas em verso de Egas Monis Coelho. Era primo, segundo se conta, do grande Egas Monis, Ayo del Rey D. Affonso Henriques, Varão bem sinalado em nossa Historia. Havia dedicado o seu amor a D. Violante Dama da Rainha D. Mafalda, e tendo de se ausentar della para Coimbra, se despedio com a primeira Carta, que começa *Fincaredes bos embora*. Quando elle voltou, achou-a já casada com um Fidalgo Castelhana, que tinha vindo com a Rainha; e por essa occasião anojado lhe escreveu a segunda Carta, o que vem a dar pelo meio do Seculo XII. E' tradição que elle acabára seus dias por paixão que disto houvera; e que a Dama sabendo tal desventura, e a muita affeição e extremo que lhe devera, e descontente pela Rainha a haver casado como por força, se matara a si mesma com veneno.

Dizem terem-se achado estas Cartas na tomada, que se fez aos Mouros do Castello de Arouce, quatro leguas de Coimbra, aonde esteve a antiga Aruci, ou Arunce, hoje Alogau ou Alouçan, e isto nos tempos, quanto parece, del Rei D. Sancho I. (g)

São estas Epistolas em quartetos: o 1.º e 3.º verso perfeito é octonario, isto é, de oito syllabas; o 2.º e 4.º é quadrisyllabo ou de quatro syllabas; isto pelo commum, por quanto alguma vez é irregular a medida: são em rima, combinando o 1.º verso com o 3.º e o 2.º com o 4.º A sua linguagem e estilo é mais claro, e polido, que o de Hermigues, e o Dialecto é o Galliziano Portuguez, qual então se uzava na Provincia de Entre Douro e Minho.

Trazem estas Cartas Miguel Leitão de Andrada na Miscellanea, Dialogo XVI. p. 453 e seguintes; e Faria na Europa Portugueza Tom. III. Parte IV. C. IX. p. 379. e seguintes, posto que

(g) Miguel Leitão de Andrada pensa que isto foi no Reinado de D. Affonso Henriques (Dial. XVI. p. 454) Faria porém entendeo que fora ou nos tempos daquelle Principe, ou nos de D. Sancho I. e esta ultima parte é a que parece mais provavel: e de passagem se advirta que ou aquelle livro que se achou não era escrito em tão alta antiguidade como nos quizerão inculcar, e nem ainda no Seculo XI como pensava Faria na sua Introdução ás oitavas de Camões, pois que estavam nelle os versos de Egas Monis, Poeta do Seculo XII, ou nelle se havião acrescentado seus versos por mão posterior, e mais moderna, isto é do mesmo Seculo XII.



com alguma discrepância na lição do Texto, e até com falta de uma estância inteira na Carta II.<sup>a</sup> Achava-se também uma copia destas Cartas no MS. Portuense de que já fallamos, e de que também tiramos um traslado (h)

(h) Ouvimos já notar que Leitão merecia pouca fé, porque em sua *Miscellanea* com estes versos transcrevera outros, que elle dava por seus, sendo que se sabe, que o não erão: não se lhe faça porém esta injuria, nem se ponha vergão na fama de um homem que foi estimado entre nós não menos por sua probidade reconhecida, que por sua illustrissima Nobreza. Leitão propoz-se fazer um livro, em que contasse historias verdadeiras, e outras fabulosas; e em que ao mesmo tempo compilasse Poesias suas, e de outros; e por esta razão é que a nossa Poetiza D. Bernarda Ferreira de Lacerda disse em elogio do Author:

Colhendo gentil copia de boninas,  
Odoríferas hervas, rosas bellas,  
Um Ramalhete composestes dellas  
Com perfeições e cores perigrinas.

Assim por isso a intitulou elle mesmo *Miscellanea*; e na Carta ao Padre Prior e mais Padres do Convento de N. Senhora da Luz lhe chama *Selada* que andou colhendo no caminho daquella Santa Casa, e seus arredores, aonde se criou: e na Prefação outra vez lhe chama *Selada*, pela diversidade, diz elle, de cousas, que nella vem misturadas; e também repete o mesmo no fim do Dialogo IV, n. III. dizendo, e ao pay Rebello se lhe fez este Soneto, que se poem aqui pera que esta *Selada* ou *Miscellanea* leve de tudo.

Elle mesmo occupou o reparo que se lhe podia fazer, dizendo no Prol. Bem estou vendo que muito me hão de notar por verem neste livro a que me pareceo *Miscellanea*, ou *Selada*. . . algumas, que lhe parecerão alheyas, e ditos também alhejos. etc. As maneiras por que elle falla assas indicão que muitos dos versos, que elle apresenta, os não propoem como seus proprios, mas como alhejos: eis aqui como elle os annuncia:

= A que se diz neste soneto = (Prol. ao Leitor) = E com mais veras do que se diz neste Soneto = (ibi) = E a este Santo se fez este mote = (p. 2. V. = E a esta Sr.<sup>a</sup> se fez este Soneto = (p. 3\*) = E este Romance Ratinho Vilanesco se fez á mesma Sr.<sup>a</sup> = (p. 3.) E assim continua pela mesma forma e maneira nos que traz a p. 4. 6. V. 9. etc.:

## CARTA I.

DE

Egas Monis Coelho.

## I.

- 1.º Fincaredes bos embora
- 2.º Taom coitada
- 3.º Que ei boi-me por hi fora
- 4.º De longada.

## II.

- 1.º Bai-se o bulto do mei corpo,
- 2.º Mas ei non,
- 3.º Que os gocos bos finca morto
- 4.º O Coragom.

## III.

- 1.º Se pensades que ei vom,
- 2.º Non no pensedes,
- 3.º Que chantado em bos estom,
- 4.º E non me bedes.

## IV.

- 1.º Mei jazido e mei amar
- 2.º Em bos acara:
- 3.º Grenhas tendes d'espelhar
- 4.º Lusía cara.

## V.

- 1.º Non farom estes meis olhos
- 3.º Tal abesso,
- 4.º Que esgravizem os meis dolos
- 2.º Da compego.

donde claro se vê que não attribue a si todas as Poesias, que vem na sua *Miscellanea*.

Pelo contrario, elle costuma distinguir as peças Poeticas que são suas: assim, por exemplo, nos primeiros versos diz: *A Nossa Senhora da Luz o Autor offerece este Livro* = e a p. 134. Dialog. V. = *Escrevi logo ao Padre Fr. João de Andrada meo Irmão*. . . . *escrevendo-lhe esta Elegia* = e a p. 137. *E indo eu . . . depois áquella Villa lhe puz outra pedra azul em sua Sepultura . . . e este epitaphio* = (em verso) Dialog. VII. p. 228. = *Isto que neste papel podeis ver de minha curiosidade* = Dial. VIII. p. 241. = *A quem por minha consolação lá fiz hũ dia este Soneto* = Dial. IX. p. 272. = *Eu lhe disse em abono della e cargo de consciencia delles este . . .* Vej. p. 291.

## VI.

- 1.º Mas se ei for pera Mondego
- 2.º Pois la vom,
- 3.º Carulhas me fagaom cego
- 4.º Como ei som.

## VII.

- 1.º Se das penas do amorio
- 2.º Que ei retouço,
- 3.º Me figerem tornar frio
- 4.º Como ei o ouço

## VIII.

- 1.º Amade-me se queredes
- 2.º Como Lusco
- 3.º Se no torvo me acharedes
- 4.º A muy fusco.

## IX.

- 1.º Se me bos ami leixardes
- 2.º Deis me garde,
- 3.º Non asneis bos de queimardes
- 4.º Isto que arde.

## X.

- 1.º Hora nom deixedes, nom,
- 2.ª Ca sois garrida,
- 3.º A sa non Cristé le jon
- 4.º Per inha vida.

## NOTAS

## AO QUARTETO 1.º

*Fincaredes*: isto é, *ficarcis*; é Futuro perfeito do verbo *Fincar* ou *Ficar*, que variamente se escrevia, e pronunciava, ora com *u*, ora sem elle, de que são frequentes os exemplos em Portuguez, Gallego e Castelhana: Duarte Nunes no C. XVI. p. 104 poem este verbo entre os nativos Portuguezes, esquecido de que no Cap. XI. pag. 33. o havia derivado do Lemosy; se elle vem de alguma fonte, certo que deriva do Latim *Figo*, ou já por ventura do antiquissimo Celtico Espanhol, pois que achamos no Vasconso, um de seus Dialectos, *Fin-*

*catu*, e *Incatu*, o que corresponde ao Castelhana *Hincar*, por fixar e fincar. Ainda que hoje digamos *ficar* na significação de restar, de se não partir de um lugar, de durar, permanecer etc. e *fin-*car por cravar, metter á força, toda via a origem e a significação radical e generica de um e outro verbo é a mesma, diversificando sómente nas modificações, e noções accessorias ou especificas: uma coisa que *fica*, resta como mettida, e cravada no lugar em que fica; e uma coisa *fincada*, fica e permanece no lugar em que a metterão: e daqui vem que os nossos dizião tambem *ofincar*, e *afficado*, *afficadamente*. O antigo Castelhana no Poema do Cid dizia *Fincanza* por mansão, e morada: Tom. I. V. 571. da Collecção de Sanches, e no Poema de Alexandre. *Fincar* por quedar, permanecer, Tom. III. V. 73. e 1242, e *Fincar* por cravar a vista em alguma coisa, olha-la com attenção Tom. III. V. 1008 1223. *Afficadamente* Cant. de D. Affonso o Sabio: Castro tom II. p. 633.

Pelo que toca á terminação verbal em *edes*, era ella mui frequente em nossa antiga linguagem: primeiramente no modo indicativo nas segundas pessoas do plural do tempo presente dos verbos da segunda conjugação que acabavão no infinito em *er*, ao contrario dos verbos da primeira conjugação em *ar*, que pelo commum terminavão em *ades*, como acima notamos: assim diziamos *Acometedes* por *Acometeis*; *Avedes* por *Aveis*; *Devedes* por *Deveis*; *Dizedes* por *Dizeis*; *Fazedes* por *Fazeis*; *Percebedes* por *Percebeis*; *Prendedes* por *Prendeis*; *Queredes* por *Quereis*; *Sabedes* por *Sabeis*; *Sofredes* por *Sofreis* etc. (*Sabredes*, versos de D. Affonso VI. tom. II. da Collecção de Sanches p. 642.) Poremos aqui um lugar dos muitos, que se poderam trazer a este intento, o qual é de uma Ordenação del Rei D. Dinis: *Sabede que os Judeos se me enviarom queixar que vós e vossos Conselhos lhes fazedes muitos aggravos, e desafortamento, como non devedes e que lhes hides contra ellas (suas cartas) e que queredes* (Cod. Aff. Lib. II. Tit. 14 p. 175.) Esta an-

tiga maneira de terminações verbais no tempo presente do indicativo, ainda hoje a conservamos em *Credes*, *Ledes* e *Vedes*.

Em segundo lugar, uzava-se esta mesma terminação na segunda pessoa do plural do futuro primeiro, dizendo-se *Averedes* por *avereis*; *Acharedes* por *achareis*; *Morreredes* por *morrereis*; *Leixaredes* por *Leixareis* ou *deixareis*; *Ouviredes* por *ouviereis* etc. *Fueredes* Tom. III. da Collecção de Sanches p...

Assim em uma Ordenação del Rei D. Diniz: *E em outra guiza vos mo Lazaredes; e vós taballiaes, se eu per vos desenganado non for de todo... morreredes por ende* (Cod. Affons. Liv. II. Tit. II. p. 175.) Desta terminação no futuro primeiro era também no Castelhano antigo, como se vê entre outros exemplos, neste do Poema do Cid Campiador nos V. 1075, e 1080, Tom. I. pag. 269 da Collecção de Sanches Tom. I.

*Se vos viniere en miente que quisieredes vengala*

*Si me venieredes buscar fallar-me podedes*

*E si non mandedes buscar ó me dexaredes*

*De lo vestro ó de lo mio levaredes algo.*

Os nossos também se servião da mesma terminação nas segundas pessoas do presente do modo conjunctivo, nos verbos da segunda conjugação que acabavão no infinito em *er*; dizendo *Acometedes*, *Deixaredes*, *Ensinades*, *Lembredes*, *Lidedes*, *Prendedes*: a carta de foral que El Rey D. Affonso Henriques passou aos Mouros forros de Lisboa traz um bom exemplo disto, *E esto vos faço que dedes em cada hum anno senhos maravédís... e totalas minhas vinhas adubedes* (Cod. Affons. Liv. II. Tit. 99. p. 375.) Offerece outro exemplo uma Ordenanga del Rei D. Diniz: *Por que vos mando, que nom os aggravedes, nem desaforedes, nem lhes passedes suas cartas* (Cod. Affons. Liv. II. Tit. 183. p. 503.) No fragmento do Prologo da Obra do cli-

ma de Portugal do Judeo Zacuto que se poê nos tempos del Rei D. Affonso IV. se diz também: *Do que acharedes honrado Senhor*. O Nobiliario do Conde D. Pedro usa muitas vezes da mesma terminação. Alcobaga na vida de Christo diz: *ouviredes batalhas e arruidos de guerreadores*; e nelle e em outros daquelles tempos é frequente semelhante terminação: no Seculo XVI disse ainda Camões:

*Que de fora dormiredes.*

Seguindo esta analogia, é que antigamente e ainda hoje, terminamos em *erdes* os futuros primeiros do modo Conjunctivo nos verbos da primeira e segunda conjugação, para differença dos outros tempos; dizendo: *Amardes*, *Estiverdes*, *Fizerdes*, *Houverdes*, *Quereredes*, *Souberdes*; e também nos verbos irregulares em *or* como *Pozeredes*, *Compozeredes* etc. o que vai na analogia, pois que antigamente se dizia *poer*, *compoer*, como verbos da segunda conjugação, e não *pôr*, *compor*, como depois dissemos: os imperativos erão *Fazede*, *Percebede*, *Prendede*, *Sabede*; e no Castelhano Comede Tom. I. da Collecção de Sanches p. 269 em que vem muitos: daqui vem também a outra terminação em *ides* nos verbos da terceira conjugação que acabão no infinito em *ir* porque mudando-lhes a terminação *edes*, ou *erdes* em *irides*, dizemos *Admirirides*, *Assistirides*, *Ouvirides*, *Sentirides*, *Partirides*.

*Bos*: isto é vos: veja-se o que dissemos na Nota II á Quintilha I. da Cancção de Gongalo Hermigues p. 56.

*Embora*: isto é em boa hora, adverbio composto, de que sempre usamos em nossa lingua.

*Taom*: isto é, *tão*, termo sempre usado entre nós, que combina com o latim *Tam*.

*Coitada*: isto é, cuidadosa, triste, afflicta, vem de *Cuila*, *Cuyta*, ou *Coita*, trabalho, dor, pena, ancia, afflicção, angustia. Acha-se muito entre os antigos, como no Nobiliario do Conde D. Pedro Tit. V. *Quando via gramcoyta ou novas, chorava com dó = Que*

*eu ganhei com gran coyta* (p. 26.) em Fernão Lopes na Chronica de D. João I. P. II. C. 151. *El Rei foi posto em tão grande coita que rompeo suas vestiduras*: e em Duarte de Brito no Cancioneiro f. 39.

*Como quem chora gemendo  
Sua coita desigual:*

em D. Affonso de Albuquerque no mesmo Cancioneiro f. 170.

*Nam fação nenhum calçado  
Da pele deste coitado.*

O Castelhana antigo dizia *Cuitat*, cuidado, risco, perigo; *Cueta*, e *Cueita*, cuidado, angustia, affligão; e *Cuitar* pôr a alguém em cuidado, affligillo: no Poema do Cid V. 2370. Tom. I. da Collecção de Sanches p. 319. se diz:

*Si cueta fuere, bien me podredes  
lurviar:*

no Poema da vida de S. Millan V. 128 Tom. II. da mesma Collecção p. 129

*Ca con la luenga Cueita enajados es-  
taban:*

e no Poema de Alexandre V. 186. Tom. III. p. 26.

*En gran cueta visqueirou. —*

Acha-se também no Fuero Juzgo na lei IV. do Prologo; no Código das Partidas Part. III, e em outros antigos documentos de Espanha: nas Cantigas de D. Affonso o Sabio de Castella,

*Era en mais coitada.*

*Que con coita chorando  
Se deitou en seu leito.*

(Castro Bibl. Esp. Tom. II. p. 634.)

*Ei*: por *eu*, pronome; é antiga pronunciação Galliziana, que ainda hoje se mantém naquelle Dialecto; e certo que é suave por terminar em *i* que é mais

claro e doce do que a vogal *u* que é de um som escuro, e surdo. Este pronome é uma contracção do Latim *Ego*, e entra na classe dos termos antigos de nossa Lingua.

*Boime*: isto é *vou-me*; é o tempo presente da primeira pessoa do singular do verbo *Ir*; pronunciava-se á maneira Galliziana com *b* em lugar de *v* consoante, e terminava em *i* em lugar de *u* vogal, o que adocava a pronunciação mais forte de *Bo*. Este verbo é dos primitivos da lingua.

*Por hi fora*: isto é, por ali fora: veja *Hi* na Nota ao verso 5.º da Quintilha II.ª de Gonçalo Hermigues.

*De longada*: é o mesmo que ao longo, para longe, de jornada, alongando-se, etc. Nos versos de D. Affonso o Sabio:

*E dissel eu te rogo  
Que tornes a la casa  
Logo sen alongada.*

(Castro Bibl. Esp. II. p. 634. col. II.)

#### NOTAS.

#### AO QUARTETO II.

*Bei se*: isto é vai-se: veja-se a Nota acima ás palavras *Boi-me*.

*Bulto*: isto é vulto, pronunciação Galliziana, e da Provincia d'entre Douro e Minho, em que como já dissemos se troca o *v* consoante por *B*. Vulto significa rosto, cara, semblante, e também figura do corpo, que é o sentido proprio que aqui tem. *A continencia de seu vulto era assocegada*: Barros Decad. I. liv. I. c. 16. *O meu vulto pintado eu o não tenho pera vo lo ogera láa poder enviar, mas o proprio prazeraa a Deos vereis láa algum tempo* (Carta do Sr. D. Affonso V. a Gomes Eanes de Azurara: vem no Tom. . . . dos Documentos das Memr. do Sr. D. João I. por Jose Soares da Silva.)

*Mei*: isto é, meu, do Latim *Meus*; a pronunciação é Galliziana e adocada com o *i* final em lugar de *u* que é menos suave, e melodioso, conforme já notamos.

*Os*: isto é *aos*; Artigo masculino do plural do dativo, e também do accusativo; aqui se poem por contracção, dizendo-se *os* em lugar de *aos*, assim como se dizia algumas vezes no singular *o* em lugar de *ao*, como nestes versos de Pedro de Andrade Caminha na Epist. IX. p. 52:

*Hora sejam teus versos entoados  
O som da doce frauta.*

*Cocos*: que hoje escrevemos *Soccas*, era especie de Çapato de soleta, ou certo calçado leve, com o qual calçavão as mulheres sens chapins e se usava então entre nós, como se havia usado entre os Romanos no Paço dos Emperadores (Suetonio C. 2. de Vitellio) a que elles deram nome de *Soccus*, bem que communmente o applicavão a certo calçado mais baixo que o Cothurno, de que se servião os Comediantes no Theatro. Hoje damos este nome ao que chamamos *tamancos*, calçado rustico do campo. Neste verso está *Cocos* por Chapins, ou Çapatos, entendendo-se pela figura Metonymia os pés, sendo frequente no estylo Poetico pôr *continens pro contento*, isto é, a coisa que contem, e comprehendendo outra, por aquella que lhe é adjuncta, ou nella conteuda.

*Finca*: veja-se a Nota I. ao Quarteto I.

#### NOTAS

##### AO QUARTETO 3.º

*Pensades*: é o presente do indicativo na segunda pessoa do plural do verbo *pensar*, de cuja terminação em *ades* já acima fallamos nas Notas á Canção de Gonçalo Hermigues. E' verbo conhecido, e muito antigo em nossa lingua, de que se achão frequentes exemplos, como no Nobiliario do Conde = *Eos bons que hi pensavão naquella quadrella* (Tit. VII. p. 50.) *Que se lançasse ás mãos pelo Infante D. Affonso, que pensava que hi vinha etc.* (ib. p. 52.) em Alcobaça *Por ventura pensas, que não posso etc.* (ao C. 26.)

*Ei*: Veja-se a nota acima.

*Vom*: por *vou*, presente do verbo *ir*, na primeira pessoa do singular do modo indicativo, pronunciando-se á maneira Galliziana, de que ainda hoje se usa em muitas partes da Provincia do Minho, e da Beira, aonde dizem *vom* por *vou*, *estom* por *estou*, *som* por *sou*, de que ha frequentes exemplos nos escritores antigos.

*Pensedes*: Presente da segunda pessoa do plural do verbo *pensar* no modo conjunctivo. Veja-se a Nota acima *Pensades*.

*Chantado*: Nunes põe este termo entre os nossos nativos, mas não diz a sua significação: Faria interpreta *incluso* ou *cahido*: Bluteau traz *Chantár* por metter, fincar, plantar. E' palavra do Dialecto Galliziano, e do antigo Portuguez; e significava pregar, fincar, cravar, metter á força, e ainda hoje os vinhateiros dizem *Chantão* por uma estaca, ou páo que se finca na terra ao pé da sêpa para a prender e sustentar: palavra, que se acha entre outros em Damião de Goes no Tratado da velhice: *As vides... sositidas com cânas e chantões*; fol. 26. Também se disse *tanchão*, e *tanchar*, trocadas as letras; e assim se acha *tanchar* por *Chantar*, como em Simão Machado na Comedia de Dio P. I.

*Que n'um madeiro tanchado.*

*N'uma Cidade tanchados.*

*Vedes lhe tancho hum pelouro*

*Por metade dos ilhaes.*

Os Castelhanos usão deste termo: basta referir a Cervantes, que no Tom. II. do D. Quixote diz: *Ien menos de un abrir e cerrar de ojos te la chanta un don, y una senoria.* Nos o achamos em antigos monumentos, como no Nobiliario do Conde: *E começaram-nô a dezarmar donas, e donzellas, e quando o dezarmarom, acharom-lhe huã setta chantada na perna.* Tit. IX. p. 71. p. 11. *E em chantando p. 59. Chantou o cutello em ella* (p. 90) *E chantou-lhe pelo rosto par apardo olho, e trouxe-o andando na espada pelo campo* (p. 300) Em Gil Vicente no liv. I. das Obras de devação ao Natal pag. 33. e 34.

*Samicas doudejay vós,  
Se eu lá vou, veremos nos  
Se sondes cabras, s'aquellas  
O decho se chantou nellas.*

e em outro lugar p. 53. e 56.

*Filho de grande aleivozia  
Tua mulher tinhosa  
E hade parir um çapo  
Chantado no guardanapo.*

em Simão Machado na Comedia da Pastora Alfea.

*So por ficarem chantadas  
No partacol das sermosas.*

e em Miguel Leitão de Andrada nas Miscellaneas Dial. 17.

*Pois amor em mim chantou  
Huã setta tão aquella.*

*Estom*: por estou, do verbo *Estar*, na primeira pessoa do singular do modo indicativo: ainda hoje na Provincia do Minho e da Beira se diz em muitos lugares *cu stom* por *cu estou*, como acima notamos.

*Bedes*: isto é *Vedes*, tempo presente do verbo *ver* na segunda pessoa do plural do modo indicativo, pronunciado com a mudança de *V* consoante em *B*, segundo o antigo estilo Galliziano; ainda hoje mui frequente na Provincia do Minho, em que dizem *Ber*, *Bejo*, *Bedes*, por *Ver*, *Vejo*, e *Vedes*.

## NOTAS

## AO QUARTETO IV. (\*)

*Acara*: presente do verbo *Acarar* na terceira pessoa do singular do modo indicativo, que significa segundo Andrada *empregar*; e segundo Faria *carear-se*. Os

(\*) No MS. acha-se aqui um espaço em branco: naturalmente porque o Autor o reservava para anotar o 1.º verso deste Quarteto = *Mei jazido e mei amar*.

Diccionaristas Castelhanos trazem *Carear*, termo antigo e usado em Aragão, de que ha exemplos nas ordenações dos Juizes dos Mercadores de Çaragoça. Nós não temos achado exemplo do uso deste verbo *Acarar* entre os nossos: entendemos que quererá dizer *Carear-se* como sente Faria, ou *acariar-se* rever-se, ver-se cara a cara; como dizendo o Poeta que a sua alma, e o seu amor se compraz, ou revê na sua formozura. Advertimos que no exemplar de Faria se lê *Acarra*, o que foi erro do amanuense, ou Typografo, pois que na expozição que ali vem dos Vocabulos, se diz *Acara*; e só assim concorda na rima com a palavra *Cara* no fim do ramo.

*Grenhas*: cabellos, tranças; o Castelhanos diz *Grena*; e combina com o Grego *Gryne* e com o Latim *Crines*, e com o Irlandez *Granni* nó ou trança de cabellos, e *Greann*, e *Greannmhur* cabelo da barba. E' palavra antiga e ainda hoje em uso.

*Espelhar*: Faria interpreta ver-se ao espelho, como dizendo o Poeta que os cabellos erão dignos de se espalharem, isto é de serem vistos ao espelho: Andrada entende cabellos resplandecentes, ou de resplandecer: parece que o Poeta quer dizer que os cabellos de Violante erão tão luzentes, que nelles podia ver, como em um espelho a formozura de seo rosto.

Do adjectivo *espelheiro* usou Duarte de Brito no Cancioneiro de Rezende f. 33:

*Os ares ja rresolutos  
Dos vapores congelados  
Nevoentos  
Ficaram fixos enxutos  
Espelheiros.*

*E Lusía*: Andrada lê com a conjunção *E*, e Faria com a conjunção Galliziana *A* que equivalia a *E*, de que se usa nesta mesma Carta mais abaixo, no verso ultimo do 8.º Quarteto, e no terceiro do 10.º; e na Carta II.ª V. 3. do segundo Quarteto, V. 1 do setimo, e V. 1 do oitavo; nas cantigas de Góes-to Ansur, que poremos adiante; e nas

Coplas do Infante D. Pedro. Veja-se a Nota ao V. ultimo do Quarteto 8.<sup>o</sup> Ambos dizem *Luzia*, e o MS. Portuense *Luzida*: do primeiro termo não havemos achado exemplo; o segundo é trivial em nossa lingua: Andrada entende *Luzia* por *Luzida*. (*Luzio* e *Luzia*, são termos chulos.)

*Cara*: rosto, face etc. de que formamos uma grande familia de Vocabulos compostos, e derivados. Nunes põe *Carão* entre as nossas palavras nativas. Conforma este Vocabulo com o Grego *Kara*, cabeça ou vertice, a que recorre Aldrete e os Dicionaristas Castelhanos; e com o Gallo-Celtico *Cara*, frente, testa. Este termo é antigo no Castelhamo; e vem já no Poema do Cid, V. 3623. p. 368.

*Salien los fieles de medis ellos cara por cara son.*

## NOTAS.

## AO QUARTETO V.

*Abesso*: isto é, como interpreta Faria, absurdo, ou como entende Andrada, e Bluteau, sem razão: é palavra antiquada neste sentido; alguns a quem derivar do Latim *adversus*, contrario, opposto; nesta significação ainda dizemos *Avesso* por contrario, opposto, ás avessas, e ao revez; e *Avesso* por envez, revez, ou parte posterior de alguma coisa. No antigo Castelhamo acha-se *Avieso* por adverso ou máo, como no Poema de Alexandre V. 2089. pag. 293.

*El fierro yace fondo en avieso lugar.*

*Esgravizem*: presente do modo conjunctivo do verbo *Esgравir* na terceira pessoa do plural, que Faria interpreta contar, e Andrada esmiuçar, isto é contar miudamente com individuação, e particularidade; verbo que não trazem os nossos Dicionaristas. Por ventura daqui viria o verbo *Esgравatar*, applicado ao que busca, averigoa, inquire, examina, ou conta alguma cousa com miu-

deza, e noticias particulares; de que uza Arraes, e outros; e se diz vulgarmente. Combina com o Vasconso *Garbita*, apurar, purificar, e *Garbitua* apurado.

*Dolos*: o MS. Portuense trazia *Doylos*; e de um e outro modo se uzava antigamente, e quer dizer dores, penas, afflições, amarguras: combina com o Latim *Dolor*, com o Vasconso *Dolua* lucto, *Dolamena* tristeza, e afflicção; com o Baixo Bretão, e com o Dialecto de Galles *Dol* e *Doluy*, dor, inquietação, afflicção; e com o Irlandez *Dolas*, afflições, calamidades, desgraças; e *Dolasa*, lamentar, prantear etc. o antigo Castelhamo dizia *Duelo* por dor, sentimento, pena, como se vê no Poema intitulado *El Duelo que fixo la Virgem Maria el dia de la Passion de su Fy Jesu Christo*: que vem no tom. II. da Collecção de Sanches pag. 405, e começa dizendo no V. 4. p. 406:

*Querria del su duelo componer una rima.*

e talvez dizia *Dolioso* por affligido, cheio de dor, como no Poema dos Milagres de Nuestra Senora no mesmo tom. II. V. 574. p. 360:

*Vos sodes ome sancto, io peccadrix doliosa.*

e *Dolorieno* por dolorido, doloroso, como no Poema de Alexandre V. 2443.

Entre nós ha exemplos, como nas Trovas de Duarte da Gama no Cancioneiro 134. V.

*Huns vejo cazas fazer  
E salar por antre soylos,  
Que creyo que tem mais doylos  
Do qu' eu tenho de comer.*

na Olisipo de Jorge Ferreira Act. I. Scen. I. p. 21. *Por fim os doylos são meos que pago por todo.* e na Eufrozina do mesmo Acto... Scen. IV. p. 65. *Bem dizem, qu' por greta espreita, seus doylos vé.*

Gil Vicente no liv. I. no Aut. do Breve Summario da Historia de Deos p. 92.

*Que doilos ha láa, que foy, que querey.*

*Compeço*, isto é, começo, principio; antigamente diziamos *Compeço* e *Compegar*, por começo e começar; não o trazem os nossos Dicionaristas, mas Duarte Nunes, e Faria não deixaram de o notar; e nós o achamos em Mestre André de Resende no Livrinho da Antiguidade de Evora no C. XVII: *Logo sem tardança compeçou ho caminho pera ha fronteira.* O Castelhana empregava o mesmo termo, como se vê no Poema de Alexandre no Tom. III. da Collecção de Sanches V. 35. p. 6.

*Otorgola el maestro mando qe compezar.*

e no vers. 734. p. 104.

*Compezó desbaldir menazas altamiente.*

NOTAS.

AO QUARTETO VI.

*Carulhas*: Vocabulo que tambem não trazem os nossos Dicionaristas, nem os Espanhoes. Faria interpreta *Carochas*, o que não faz bom sentido; Andrada entende *Gralhas*, o que é melhor, pois que *Carulha* é uma casta de corvo maior que a gralha; e quer dizer este verso e o seguinte, que os corvos lhe tirem os olhos e o fação cego da vista, como elle o era já em sua affeição por Violante, se acaso decahisse, e esfriasse em seu amor para com ella. (\*)

*Me fagaom*: me fação: assim se conjuga no Dialecto Gallego o verbo *fazer* na terceira pessoa do plural do presente do modo conjunctivo: e do nosso Dialecto temos exemplo na carta de D. Lourenço Arcebispo de Braga que vem no fim da 2.<sup>a</sup> Parte da Chronica de Fernão

(\*) No MS. acha-se á margem desta nota, escripta pelo A. a seguinte cota, em letra de lapis: = » *Carulhas necessita de se autorisar no sentido que se lhe dá.* »

Lopes: *Melhor he o faga elle, que nom fagarmo-lo nos*: e em Gil Vicente liv. IV. das Farças p. 262.

*Não fago senão chorar.*

*Som*: isto é, *sou*, pronunciação antiga e trivial ainda nas Provincias do Minho e Beira, o que já acima notámos: achão-se exemplos disto nos Poetas do Cancioneiro: basta citar o Conde de Vimioso:

*Eu som sóo no meu sentyr.*

e ainda em tempos mais modernos se encontra muitas vezes, como em Pedro de Andrada Caminha, que diz no Epigrama XL. VII. p. 315.

*Som em marmore agora convertido.*

NOTAS.

AO QUARTETO VII.

*Amorio*: amor, ou acção, e vida continuada de amar, que conforma com o latim *Amor* e *Amare*, e com o Vasconso *Amorioa* amor. O Castelhana tem este termo; basta citar a João de Mena na Coronacion fol...

*Se quier cierta andava, y amorio.*

e a Cervantes em D. Quixote liv. I. c. II. *Mudas Linguas de amorios*. Deste Vocabulo se usa logo na Carta do Sr. Rei D. Dinis que vem nas Memorias Chronologicas de Leitão p. 249. n. 576. *De forsa mandadeos aos fyos que a seos padres catê reberencia sojesõ co' amorio*: e em Fernão Lopes na Parte 2.<sup>a</sup> da Chronica de D. João I. C. 203 p. 459. se acha o mesmo termo: *Posto que desto bem descuidados estivessem pello bom amorio e paz, em que erão postos.*

*Retouço*: o verbo *Retouçar* no sentido proprio é correr brincando, ou saltando, espojar-se, e revolver-se na relva. O mesmo no Castelhana que diz *Retocar*: no sentido metaforico, que é o em que aqui se toma, significa revolver, e repassar

alguma coisa pela memoria, assim como se vê dos versos da segunda Carta do mesmo Poeta que poremos adiante.

*Ah se ouvirdes na murtulha  
Os campaneiros,  
Retouçade na mormulha  
Os meis marteyros.*

*Me figerem*: me fizerem. Era vulgar no antigo Dialecto Portuguez Galliziano *Figer* por fazer, *Fige* por fiz, *Figeste* por fizeste etc. assim se acha entre outras obras nas Cantigas Callaico-Portuguezas de D. Affonso o Sabio, que vem na Bibliotheca Espanhola de Castro tom. II. p. 642. *os peccados que fige*, Assim tambem o vemos na Carta do Arcebispo de Braga D. Lourenço no fim da 2.<sup>a</sup> parte da Chronica de Fernão Lopes: *se ora os ventos lhe figerem por agua o que lhe figerem por terra*: e em Gil Vicente no Liv. IV. das Farças, no Auto da Luzitania = *Que figeste guay guay* p. 262.

*Tornar frio*: isto é, voltar mudado de sua afeição.

*Como ei ouço*; diria isto, porque por ventura a dama o apurava com os temores que mostrava ter de que elle na ausencia se esqueceria della, e voltaria demudado de seu amor: p. 262.

#### NOTAS.

#### AO QUARTETO VIII.

*Amade-me*: isto é, amai-me; já na nota ao V. 3. da quintilha I. da Canção de Gonçalo Hermigues fallamos desta terminação do imperativo na segunda pessoa do plural. No Texto de Andrada vem *Asmade-me*, o que é erro, mas em a nota marginal se diz *Amai-me*, o que mostra que elle leu *Amade-me* como Faria.

*Se queredes*: se quereis: tambem já notamos á mesma Canção o antigo uso da terminação *edes* no presente do modo indicativo da segunda pessoa do plural nos verbos da segunda conjugação que acabão no infinito em *er*.

*Lusco*: Andrada interpreta simples-

mente Luz, Faria pelo contrario entende cego: *Lusco* é o Latim *Luscus*, que significa cego de um olho, no Italiano *Losco*: entre nós tem a significação de pouco claro; e dizemos = *entre lusco*, e *fusco* = para expressar que já não é dia claro, nem ainda noite escura, isto é, o fim do dia e comego ou vislumbre da noite, em que ha uma luz sombria, e em que se não conhecem bem os objectos; expressão de que usa entre muitos outros Jorge Ferreira na Comedia Olisipo Act. II. Scen. I. p. 72. *Vai sendo entre lusco*, e *fusco*, e na Eufrozina Act. II. Scen. VII. §. . . . f. . . *Ir entre lusco*, e *fusco*. Aqui *Lusco* toma-se no sentido figurado, isto é por cego de paixão, como bem entendeu Faria; que por isso havia o Poeta dito antes: *Carulhas me fagaom cego, como ei som*; isto é, *Os Corvos me sação cego dos olhos, como eu, o sou de amor*: e por tanto pede a Violante que o ame, como a pessoa, que vive cega de sua afeição.

*Torvo*: entendemos hoje por este termo o que é terrivel, iroso, sanhudo: antigamente significava coisa turvada, perturbada: com o que quiz o Poeta expressar á sua Dama a perturbação e agonia, em que teria de ficar seu coração no cazo que ella fizesse mudança em seu cuidado e afeição.

*Acharedes*: achareis; este verbo é dos nossos originaes, como nota Duarte Nunes; e encontra-se a cada passo nos primeiros Documentos da lingua. Quanto á terminação, *Eles*, veja-se a Nota I. ao Quarteto I. *Fincaredes*. No Cancioneiro MS. acima citado do Real Collegio de Nobres, vem este verso com a mesma terminação: fol. I.

*E se eu moyro por vos muy bê sey  
Que vos acharedes ende pois mal.*

*A*: Conjunção antiga Galliziana, de que os nossos usaram alguma vez, e é o mesmo que *E* como já notámos; donde = *A muy fusco* = é o mesmo que = *E muy fusco*. Ha exemplos deste uso nas cantigas feitas a Guesto Ansur que adiante poremos, e ainda em tempos posteriores, nas Coplas do Infante D. Pedro.

*Por que tu foste a colheita  
Daquelle Grego sesudo  
Tam matreyro  
Ate fez toda bem feita  
Neste logo tam sahudo  
A neste oyteyro.*

Não trazemos para aqui o lugar de Gil Vicente na Farsa sobre o proverbio *Mais quero asno, que me leve.* Fol. 238.

*A segundo o que eu entendo.*

nem o de Canões no Cant. VI. Est. II.

*A segundo a policia Melindana.*

palavra de que não fallou Manoel de Faria a Camões, costumando elle fazer-se cargo de coisas muito miudas neste Poeta porque o *A* nestes dois lugares não é conjunção mas proposição unida com *segundo* fazendo uma palavra composta; e já o advertio o Autor do discurso critico em que se defende a nova edição dos Lusíadas de 1779, trazendo para exemplo *Afora* em lugar de *Fora*, a que se pode accrescentar *a cerca a departe, a poz*; o que vejo que se pode confirmar com outro verso de Gil Vicente na Feira fol. 40. V. em que vem claramente a conjunção *e*, e vem *a* junto a *segundo*

*E a segundo são os tempos.*

*Fusco*: propriamente é escuro, tirante a negro, mas emprega-se aqui no sentido metaforico, querendo dizer triste, pezaroso, e como se diz vulgarmente, cuberto de más sombras etc.

NOTAS.

AO QUARTETO IX.

*Leixardes*: isto é Deixardes, do verbo antigo *Leixar*, deixar, largar, dessemeparar, de que usaram ainda Barros e muitos outros dos nossos classicos Os Monumentos Latinos da meia idade diziam *Lexare* e *Leixare*: concorda com o Grego *Alexcoo*, aparto, afasto, lanço fora; com o latim *linquo*; com o Bai-

xo Bretão *Lest*, e *Laisse*; com o Bretão Insular ou de Galles e de Cornualha *Laezaf* e *Lezar*, deixar, abandonar; com o Franco-Saxon *Laazen*; com o Alemão *Lassen*; com o Hollandez *Laten*; com o Vasconso *Leizatu*, lançar fora, deixar cair, *Lesadea* deixação; com o Francez *Laisser*. O antigo Castelhana dizia tambem *Lexar* e *Lezos*; assim no Poema de Alexandre V. 4. p. 1. Tom. III. da Collecção de Sanches.

*El criador nos Leze bien apessos seer.*

e no V. 64. p. 9.

*Quando dar non podieres, non Lezes de prometer.*

e no V. 1414. p. 102.

*Mas non querien por esso Lezarge la entrada.*

*Garde*: do verbo *Guardar*, ou *Gar*-*dar*; este termo parece dimanar da lingua Gothica e do tempo em que os Godos entrarão em nossa Espanha, entre os quaes *Guard*, ou *Uarda*, e *Warth*, significava guardar, defender, segundo nota Olão M. e este termo entrava em composição dos nomes de varias Cidades, e Villas de Espanha e Portugal, que ficavão nas extremas e fronteiras e lhes servião de prezidio, como *Guarda*, *Guardia*, *Guardiolans*, *Guardialade*, *Guardiapiloxa*, *Guardamar*, *Guardatillo* etc.

*Asmeis*: Andrada lê separadamente como se fossem duas dicções *As meis*; Faria como uma só, e lhe dá a significação de deixar = *Não deixeis vos de queimar* = neste sentido não temos até agora achado exemplo do verbo *Asmar* nem nos nossos, nem nos Gallegos e Castelhanos: nos quaes vemos que tem constantemente a significação de julgar pensar, cuidar, considerar; veja-se a nota á Canção de Hermigues. O MS. Portuense lê *Leixeis* que concorda com o sentido, e interpretação de Faria.

*Queimardes*: do verbo *Queimar*, sempre usado entre nós, que significa abraçar, incendiar, reduzir a cinzas: e con-

forma com o latim *Cremare*, e com o Vasconso *Que e man*, arrojando fumo. Quer pois o Poeta dizer neste verso, e no seguinte, se é certa a interpretação de Faria e a lição de *Leixeis* do MS. Portuense, que se Violante o deixar, não deixe todavia de lhe dar fim á sua vida, continuando a abraçar o seu coração, que por ella arde, até o reduzir a cinzas pela morte; alludindo pela expressão do verbo queimar á fogueira funeral, em que antigamente se queimavão os corpos dos defuntos.

## NOTAS.

## AO QUARTETO X.

*Deixedes*: deixeis do verbo *deixar*, commum em nossa lingua, que é o mesmo que *leixar*, com troca da unica letra inicial, e acaso se teria escrito *Leixedes* e não *Deixedes*.

*Garrida*: Garrido significa galã, ou muito culto no vestido, que Nunes põe entre os Vocabulos originaes de nossa lingua; e daqui *Garridices*, ou como diz Gil Vicente *gerredices* (Liv. IV. das Faç. p. 231.) o alinho, o ter bom ar nos passos, na galantaria. Conformase com o Vasconso *Garoa* feliz, e *Argarua* bello e *Doagarri* dotado de prendas e graças, formoso, donde diz Larremendi que trocadas as syllabas se veio a dizer *Garrido*: e tambem combina com *Gar* que em Gallez significa bello.

*A*: aqui pode ser particula conjunctiva, que no antigo Dialecto Galliziano equivalia a *E*. Veja-se a nota supra ao Quarteto VIII. V. *A muy fusco*: ou tambem a interjeição *Ah* ou *A*.

*Sa non*: isto é, senão: esta maneira de pronunciar *Sa*, por *Se*, era trivial no Dialecto Galliziano.

*Cristelejon*: allude com este termo ao uso de se dizer na encomenda do Corpo do defunto, ou no officio que se lhe faz *Kyrie eleison*, *Christe eleison*; como denotando o Poeta, que se Violante o deixar, certo que ella pode dal-lo por morto; ou como se diz vulgarmente, rezar-lhe pela alma. Esta maneira de fallar é hoje baixa para entrar na Poesia, mas

não o seria naquella idade. De semelhante maneira usou o antigo Poeta Alemão, que refere Morhoffio, em uma especie de Ode, ou Canção que fez para se recitar antes de se dar uma batalha, em que ha um rifão, que imita o som do tambor por estas palavras que alem de Morhoffio traz o Barão de Bielfeld, na obra do Progresso dos Allemães p. 69.

*Pidi, pom, pom, pom;*  
*Dravi, drom, drom, drom;*  
*Kyrie eleison.*

*Inha*; minha. Veja-se a Nota ao verso 2.º da Quintilha III. da Canção de Gongalo Hermigues.

## DISCURSO

DE INTRODUÇÃO A UMA SESSÃO MNE-  
MONICA.

recitado por

ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO;

no dia 5 de Junho de 1836, em Lisboa, na Salla dos Actos do Collegio dos Nobres, perante SUAS MAGESTADES E ALTEZAS, o Eminentissimo Cardeal Patriarcha, a Côrte, o Ministerio, o Corpo Diplomatico, Pares, Deputados, e grande numero de pessoas distinctas de um e outro sexo, nacionaes e estrangeiros.

MEUS SENHORES:

O objecto que nos aqui reúne não é um espectáculo de curiosidade vã, e muito menos um alarde de amor proprio: trata-se de convencer com boas provas praticas da realidade de um methodo, que sendo simples em si mesmo, e comprehensivel a todos os entendimentos, tem a virtude de fecundar prodigiosamente uma de nossas mais preciosas facultades intellectuaes. — Quando ha perto de dois mezes, perante um grande nu-

mero de pessoas respeitáveis, e n'este mesmo lugar, o meu amigo, collaborador e irmão José Feliciano de Castilho, desejoso de inspirar na nossa patria o gosto da arte e sciencia mnemónica, se offereceu como documento vivo e irrefragavel da sua existencia, não faltaram pessoas, até das mais illustradas, que attribuissem o que não era mais do que resultado de regras simples e pouco tempo de trabalho, a uma organização feliz e privilegiada e a um estudo ferreo de largos annos. Este erro, desculpavel em quem nem sequer do vestibulo saudou ainda a Mnemónica, não só é prejudicial como todos os erros, senão mais prejudicial que a maior parte delles, em quanto obsta ao credito, e por consequencia ao estabelecimento de um meio por onde todas as sciencias tem infallivelmente de prosperar.

Movido de iguaes bons desejos, tento dar hoje segunda próva pratica, que sem duvida acabará de desarmar a incredulidade, porque nem eu mereço nem posso ser considerado como especialmente favorecido pela natureza com uma organização particular e extraordinaria, nem por isso mesmo que aquelle primeiro exemplo pareceu incrível, se deveria agora acreditar na repetição de igual prodigio. Assim, MEUS SENHORES, confio em que, saindo d'aqui, leveis a convicção da verdade; e os louvores que gratuita e benevolmente haviéis de dar ao homem, os deis ao methodo, de que elle é apenas um indigno interprete, e aspireis a fazer vós mesmos muito mais, e muito melhor do que elle.

Não vos deterei, MEUS SENHORES, com a historia d'esta Arte, que apparece em nossos dias ressuscitada, que já ha dous mil annos maravilhou a Grecia, professada por Simonides, e que talvez já então mesmo não fosse nova no mundo: igualmente vos pouparei a escutardeis a lista dos homens grandes de todos os tempos, por quem a Mnemónica foi exaltada, sabida e aconselhada; uma e outra cousa foi já ouvida n'este lugar, ainda que por alto, e sobre ambas ellas temos já dado as necessarias noções nas Obras que em francez publicámos

sobre este objecto. (\*) E na verdade, todos esses atavios postigos de testemunhos honrosos de Authores celebres, todos esses titulos que poderíamos apresentar de sua antiga nobresa seriam bem escusados: é bella e é util; util, seria nobre ainda que tivesse nascido ontem; bella, ganhará mais em se mostrar no seu singelo desalinho do que ambiciosamente carregada, e talvez desfigurada por vangloriosos enfeites. Em lugar de tudo isso, quizera antes poder dar-vos já aqui uma succinta idéa das bases e filosofia do methodo mnemónico: mas apesar de que essas bases sejam simples e claras, e essa filosofiacomprehensivel á primeira vista, nem a escacez do tempo nos permite occuparmos com tal, nem é para esse fim que vós me fazeis a honra de vos achardes aqui reunidos.

(\*) *Traité de Mnémotechnie* (que hoje corre em 6.<sup>a</sup> edição) *Sixième édition*: Bordeaux, 1835.

*Dictionnaire Mnémonique* (de que temos publicado cinco Edições) *Cinquième édition*, Bordeaux, 1835.

*Formules pour la Mnémorisation des Souverains Pontifes et des Conciles Généraux*. Bordeaux 1835.

*Faits détachés de l'Histoire Ecclesiastique avec leurs formules correspondantes*. Arles, 1835.

*Tableau Chronologique des Rois de France, mnémorisé par MM. Castilho*. Bordeaux, 1835.

*Recueil de Souvenirs pour le Cours de Mnémotechnie de MM. Castilho*. Saint-Maló. 1831.

Algumas obras francezas sobre a mesma materia foram extrahidas das mencionadas, assim como tambem se fizeram algumas traducções ou imitações d'ellas em outras linguas. Mencionarei as seguintes, entre muitas outras:

» *Manuel de Mnémotechnie, ou l'art d'aider la mémoire*, par Vilagre. Vienne, 1831.

*Essai de Mnémotechnie*, dédié a M. Castilho. Montaubané. 1834.

*Exposé du Systeme Mnémonique de M. Castilho*. Neuchatel. 1832.

*Il Sistema Mnemonico del Signor Castilho, succintamente esposto da P. J. Fratelli*. Firenze, 1836. etc. etc. etc.

Direi comtudo, que esta Arte, ainda que vista de fóra vos deva parecer uma machina immensa e complicadissima, uma creação prodigiosa, uma d'aquellas inspirações divinas que o Genio tem de mil em mil annos, é todavia simples como tudo quanto é bello, facil como tudo quanto é verdadeiro, e nasce da propria indole da nossa alma. Sim, SENHORES, logo que se consegue aprende-la e se reflecte profundamente sobre ella, menos admira que se chegasse a formar do que o não se ter formado mais cedo, espalhado mais rapidamente, e estabelecido de um modo universal e irrevogavel: a maior parte das regras de que se compõem, resultam de propensões tão naturaes ao homem, que d'entre as pessoas que me ouvem não haverá talvez uma que, sem o cuidar, não mnemonise á sua moda, e que no trabalho de aprender ou conservar as idéas, se não valha tambem de formulas, mais ou menos perfectas.

Mas por que rasão, sendo a Mnemónica um habito natural do espirito, esta Arte, no adiantamento em que já se acha, e que não é ainda senão o segundo degráo da longa escala que tem de subir para chegar ao seu zenith, por que rasão, digo, se representa a todos como uma cousa nova e transcendente? A esta pergunta, que aliás é obvia, poderiamos responder com muitas outras perguntas: ¿por que rasão não vem nunca a reflexão e a analyse senão longo tempo depois da posse e do goso? ¿por que rasão, vivendo os homens desde o seu principio no meio de um duplice oceano de ar e de luz, não conheceram senão hontem a composição da luz e do ar? ¿por que rasão tendo sido coeva com a nossa existencia animal a circular corrente do sangue, tantas mil gerações morreram sem conhecê-la? ¿por que rasão tendo as plantas dormido desde a primeira noute do nosso globo e as suas flores amado desde a primeira manhã, foi necessario que viesse Linneo para revelar estes dous universalissimos phenomenos? Assim, de ser a Mnemónica nova como Arte, não se segue que seja nova como disposição, propensão,

ou instincto, se assim lhe quizerem chamar, e é d'esta naturalidade, universalidade e antiguidade da sua base, que resulta, a meu ver, a sua principal força. Se o entendimento dictou a si mesmo leis com o titulo de Logica, se a vontade recebeu d'elle um código com o nome de Moral, por que rasão das tres facultades a mais mecanica não receberia do mesmo entendimento regras, que derivando-se da sua propria natureza, a ajudassem sem custo em seus immensos trabalhos?

Tambem seria longo e alheio do objecto d'esta Sessão, entrar n'um exame ideologico sobre a indole da faculdade memorativa, cujo conhecimento faria entrever a chave mestra da Mnemónica: limitar-me-hei n'esta parte a uma leve observação, mui clara. É um habito nativo em todas as pessoas, até nas mais incultas, quando pertendem fixar uma idéa mais difficil, ou pela sua subtilisa e impalpabilidade, ou pela sua raridade e isolamento, casa-la por qualquer modo que seja, com outra mais familiar, mais positiva e mais sensivel: eis ahí inteiro o germen d'esta Arte, que deve á longa cultura que ultimamente se lhe tem dado, o desenvolvimento, a força, a fecundidade que hoje tem, e que talvez não dista menos do immenso que um dia ha de ser, do que dista do minimo por onde começou. Um exemplo tornará mais clara a minha idéa. A pintura, essa arte maravilhosa que só com aproximar as cores n'uma superficie plana e morta, representa o universo, dá uma existencia visual a fórmás e distancias que não existem, e perpetua e immortalisa quanto ha mais passageiro, a face humana, a rosa que dura um dia, o insecto que não conta mais que poucas horas, os matizes do ceo do poente que se desvanecem em breves minutos, a pintura, segundo se diz, deveo a sua origem ao amor n'um coração de mulher; condemnada a carecer a miudo da presença do seu amante, não podendo soffrer o ermo em que seus olhos ficavam quando o não viam, engenhosa pela saudade, toma um carvão e assignala na parede os contornos da sombra

d'aquelle objecto tantas vezes fugitivo: este foi o primeiro retrato, bem grosseiro na verdade para quaesquer outros olhos, mas para os de quem o tinha feito mais que sufficiente; outrem não o comprehenderia, a imaginação aquecida pelo amor via alli tudo, feições, movimento, expressão, vida! Quanto vai d'este primeiro ensaio, inspirado pelo coração, até os primores de Rafael, de Corregio ou do grão Vasco! lá é um primeiro rudimento, aqui é todo o saber da experiencia, da reflexão, do genio, e do concurso de todos os conhecimentos humanos desenvolvidos. Assim dista a Arte Mnemónica da propensão mnemónica; entre tanto é a essa propensão que se deve esta Arte, que por ter adquirido experiencia, por se ter fortificado com a analyse, por se ter ajudado com o desenvolvimento de outros conhecimentos, fixa muito melhor, muito mais ampla e fielmente, os retratos das idéas ligeiras e fugazes.

Sendo tudo isto verdadeiro, como é, sendo demonstrado por factos irrefragaveis que armada com este instrumento simples e facillimo a alma não conhece mais impossiveis no aprender, e com o só correr todas as provincias dos conhecimentos, as deixa conquistadas e submissas para sempre, só a estupidez mais petrificada ou a mais insigne má fé rejeitarão um beneficio, a que ainda não poderam pôr outra objecção senão a sua mesma grandeza. Mas, SENHORES, ainda que a Arte Mnemónica não dêse mais que a millesima parte do que promette, seria isso motivo para sensatamente a devermos menoscabar, sendo certo que não ha quasi uma unica pessoa que não viva descontente e se não queixe da sua memoria, principalmente pelas infidelidades que todos os dias lhe comette? Não disse Pope muito bem, que estando todos satisfeitos com o quinhão de espirito que a natureza lhes despartio, com o de memoria ninguem o estava? Pois porque se ha de então rejeitar um remedio seguro para uma enfermidade em que todos convem, e de que todos se lastimam? Desde a alta Mathematica e mais aridas abstrações

numericas, até ás mais insignificantes circumstancias da vida civil e domestica, não ha passo em que a Mnemónica nos não auxilie: não só decoraes com igual promptidão e tenacidade uma serie de mil algarismos, outra de mil nomes e acontecimentos da Historia, uma qualquer nomenclatura scientifica, etc. mas tambem a ordem de todas as cousas, até as mais disparatadas, que tendes de fazer no dia, na semana, no mez, e no anno inteiro: tendes sempre á mão, e por um modo que ninguem vo-lo pôde roubar, o registo completo do passado, e o livro de lembranças para o futuro, que vos aprouve traçar. — Não ha verdadeiramente senão uma qualidade de idéas que se gravem e conservem perfeitamente sem artificio, e são as que entram como caracteres na historia dos nossos sentimentos e affectos, principalmente daquelles que a natureza deposita carinhosamente na parte mais secreta e delicada do coração: o amor e a amizade são excellentes mestres de Mnemonica; os mais rudes dos seus discipulos não esquecem cousa alguma; todavia se é possivel que aonde a natureza é tudo possa ainda a arte alguma cousa, diria, e não fôra uma falsidade, e fôra esse o supremo elogio d'esta Arte, que até mesmo um amante ou um amigo, com serem os mais lembrados de todos os entes, poderiam encontrar mil vezes na Mnemónica um fio com que ligar inteiro e ordenado o ramalhete, ás vezes demasiadamente vasto e desconnexo, das flores da sua saudade.

Mas sinto, MEUS SENHORES, que já talvez comego a abusar da vossa paciencia: é tempo de passarmos ás provas. Para que estas possam ter toda a forga de que são susceptiveis, rogo-vos que sejaes inexoraveis quanto á inexactidão de minhas respostas, e até que multipliqueis e atropelleis mesmo as perguntas com toda a velocidade imaginavel. (\*)

(\*) Eis aqui os objectos a que o Sr. Castilho promettera responder em o seu Program.

Darou esta Sessão Mnemónica volta de tres horas. Todos os Ouvintes saíram satisfeitos e convencidos dos grandes prestimos de semelhante Arte. S. M. F. ao cabo da Sessão foi Servida de Mandar participar ao Sr. Castilho que, em reconhecimento do apreço em que tinha tão proveitosa Sciencia, Havia por bem honra-lo com o Habito da Conceição. —

ma, impresso e previamente distribuido a todos os seus ouvintes.

1. Acontecimentos importantes da historia de França.
2. Nomenclatura dos 75 reis de França com o seu numero d'ordem, principaes acontecimentos de cada reinado, data da exaltação, data e genero de morte, nomes do predecessor e successor, duração do reinado, etc.
3. 400 épocas notaveis de diversas nações.
4. Grande numero de cercos e batalhas memoraveis.
5. Nomenclatura de todos os 252 Papas desde S. Pedro até Gregorio XVI.
6. Nomenclatura dos reis de Portugal com as mesmas circumstancias que nos de França.
7. Datás de muitas descobertas, invenções e fundações de estabelecimentos uteis.
8. Recenseamento de França, official até 1837, contendo o n.º d'ordem, o nome e população dos 86 Departamentos, suas capitães com a competente população, *idem* as populações de todas as principaes cidades de França que não são capitães de Departamentos.
9. Numero d'ordem e população das provincias de Portugal, e população geral das 4 partes do mundo.
10. Latitude, longitude e população de todas as capitães da Europa.
11. Altura de todas as principaes montanhas das 4 partes do mundo.
12. Altura de muitos edificios notaveis.
13. Duração das revoluções sideraes de todos os planetas, e sua distancia media ao sol.
14. Latitude e longitude por grãos e minutos de todas as Cidades de Portugal, bem como a sua população.
15. Methodo natural d'Antonio Lourenço de Jussieu; divisão das plantas em 15 clas-

S. M. I. fez-lhe constar o muito que desejava iniciar-se na Mnemónica, e passadas duas lições S. M. I. tinha já feito progressos que não abonam menos a promptidão de seu engenho do que a efficacia do methodo. — Pareceu-nos bem memorar no Jornal dos Amigos das Letras estes dois nobres exemplos de Princezas, que na flor da idade as prézam e animam em Portugal.

#### *A Comissão de Redacção.*

ses, com seus caracteres geraes, e numero de familias de cada uma; subdivisão em 16 familias, e indicação da classe a que pertence qualquer.

16. Pesos especificos até a 4.<sup>a</sup> casa de decimaes, dos fluidos elasticos, dos liquidos e dos solidos, taes como se lêem no *Annuaire du Bureau des Longitudes, pour 1835*.

17. Latitude e longitude por grãos e minutos, dos principaes portos de mar de Portugal, Espanha e França.

18. Versos decuplos (em relação á totalidade) de todos os 4 cantos da Arte Poetica de Boileau.

19. Morte de grande numero de homens celebres.

20. Relação do diametro com a circumferencia do circulo, calculada até 155 decimaes.

21. Problema resolvido por Euler, do Cavalheiro do Jogo do Xadrez; maneira de fazer com que elle cõrra as 64 casas do taboleiro em 64 saltos.

22. Consumo da cidade de Pariz, extrahido do supra citado *Annuaire*.

23. Dia da semana de qualquer mez, de qualquer anno, desde 1582 até 2400, ou calendario perpetuo.

24. Numero d'ordem de todos os artigos da Carta Francezadado que seja o seu numero.

25. Nomenclatura dos reis d'Inglaterra, com as mesmas particularidades que nos de França e Portugal.

26. Provincias da Belgica, sua população, suas capitães e população.

27. Orçamento geral do Rendimento e Despeza de Portugal, do 1.º de Julho de 1836 a 30 de Junho de 1837, apresentada ás Cortes pelo Ministro da Fazenda em 1 de Março de 1836.

28. Velocidade de muitos projecteis, e outros corpos.

REPAROS CRITICOS

*Sobre alguns passos da Chronica d'El-Rei D. Pedro 1.º de Portugal, escrita por Fernão Lopes, primeiro Chronista Mór do mesmo Reino, e accrescentada, e impressa por José Pereira Baião, na Officina de Pedro Ferreira, em o anno de 1760, os quaes tendem a provar, que foram cinco os filhos que o dito Rei houve de Dona Ignez de Castro, e não quatro, como affirmam todos os Historiadores:*

POR

MANUEL DA GAMA XARO.

..... Sit fas .....  
Pandere res alta terra, et caligine mersas!

Todos os que historiaram as cousas do nosso Portugal affirmam, que foram quatro os filhos que D. Pedro houve de Dona Ignez de Castro, e até Baião, que mais a olho quiz tratar esta materia, que pretendeu bracejar mais livremente

- 29. Factos principaes da Historia de Italia.
- 30. Feitos mais conspicuos da Historia Romana.
- 31. Variedades, etc. etc. etc.

RELAÇÃO DO DIAMETRO COM A CIRCUMFERENCIA.

Para que se entreveja a difficuldade de muitos destes conhecimentos, aqui poremos como exemplo, esta longa serie d'algarismos:

3, 1 4 1 5 9 2 6 5 3 5 8 9 7 9 3 2 3  
3 4 6 2 6 4 3 3 8 3 2 7 9 5 0 2 8 8 4  
1 9 7 1 6 9 3 9 9 3 7 5 1 0 5 8 2 0 9  
7 4 9 4 4 5 9 2 3 0 7 8 1 6 4 0 6 2 8

no campo da critica, e que mostrou por momentos ter arentado a verdade, até Baião, digo, se allucina, e tanto a vulto olha este negocio, tanto em confuso o trata, que muitas vezes se desmente, e mostra alfim, que mais facil é o mister de compilador, que o de historiador. O que porém mais que muito me maravilha é, que o erudito Moraes não attentasse na advertencia de Baião, e affirmasse na nota que vem a paginas 251 da sua versão da Historia de Portugal, que foram quatro os filhos que o dito Rei D. Pedro houve d'aquella misera, e mesquinha, que depois de ser morta, foi Rainha. — Para que mais cabalmente possam ser avaliados nossos reparos, releva as-omar aqui em breve espaço, o que os nossos historiadores escrevem acerca das mulheres, e filhos de D. Pedro. — Este Principe foi casado com Dona Constança, e d'ella houve dous filhos, e uma filha, a saber; D. Luiz, que morreu moço; D. Fernando, que succedeu a seu pai; e a Infanta D. Maria, que casou com D. Fernando Infante de Aragão. Depois da morte de D. Constança, casou D. Pedro clandestinamente com D. Ignez de Castro, e ainda que nem todos acordem na veracidade deste facto, todavia eu o tenho por mui bem averiguado, e liquido; porque além de muitas razões ponderosas, faz-me força uma clausula do testamento do mesmo D. Pedro, na qual, depois de algumas disposições feitas em

6 2 0 8 9 9 8 6 2 8 0 3 4 8 2 5 3 4 2  
1 1 7 0 6 7 9 8 2 1 4 8 0 8 6 5 1 3 2  
8 2 3 0 6 6 4 7 0 9 3 8 4 4 6 0 9 5  
0 5 8 2 2 3 1 7 2 5 3 5 9 4 0 8 1 2 8  
4 8 0 2

Distribuirão-se na Salla papeis em branco, nos quaes cada qual escreveu frases em prosa ou em verso, palavras portuguezas, estrangeiras, e mesmo de fantasia, numeros de 1 ou 400 algarismos, etc. etc. etc. Depois de ter lido tudo uma só vez, o Professor repeti-os em todos os sentidos.

favor dos testamenteiros de D. Constança, diz assim: — *Item; mandamos que entreguem aos filhos da Infanta Dona Ignez, que outro si foy nossa mulher, a quinta do Canidello, que era sua, etc.* — Esta declaração feita á hora da morte, e morte tão piedosa como foi a de D. Pedro, deve tirar toda a duvida sobre a veracidade de tal casamento. Os filhos que D. Pedro teve d'este matrimonio, segundo affirmam os historiadores, sam os seguintes; D. Affonso, que morreu menino; D. João, D. Diniz, e D. Beatriz. Além dos filhos legitimos, não consta que D. Pedro tivesse outros, senão só o Mestre de Aviz, como mui explicita, e positivamente affirma Fernão Lopes, a paginas 27 da sua Chronica: — *Este Rei não quiz mais casar depois da morte de Dona Ignez, em quanto foi Infante, nem depois que reynou lhe aprouve receber mulher; mas houve amigas com que dormio, e de nenhuma teve filhos, salvo de huma Dona natural de Galiza, que chamavam Dona Tarcija Lourenço, que pario delle hum filho, que houve nome de João, que foi Mestre de Aviz em Portugal, e depois Rey, como adiante ovireis, o qual nasceu em Lisboa a onze dias do mez de Abril, ás tres horas depois do meyo dia, no primeiro anno do seu reinado, etc.* — Eis aqui os factos em que acordam todos os historiadores, e com elles acordo eu em tudo, senão no tocante ao numero dos filhos de Dona Ignez; e para que meus leitores vejam, que não sem fundamento me abalanco a contrariar escritores tão auctorizados, transcreverei aqui aquellas clausulas do testamento de D. Pedro, que mais fazem a meu intento, e sobre ellas, e sobre a advertencia de Baião assentarei os reparos, que a minha humilde critica me suggerir.

A paginas 285 da Chronica mencionada diz D. Pedro, testando a bem de seus filhos, o seguinte: — *Item mandamos á Infanta Dona Maria, nossa filha, que hora he em Aragão, oitenta mil libras. Item mandamos á Infanta Dona Briatrix, nossa filha, para casamento cem vezes mil libras. Item mandamos ao Infante Dom João, nosso fi-*

*lho, oitenta mil libras. Item mandamos ao Infante D. Diniz, outro si nosso filho, oitenta mil libras. Item mandamos á nossa filha, que criam no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra cem mil libras para casamento, etc.* — Cumpre notar de passo, que o Infante D. João supra mencionado, é o filho de Dona Ignez, e que ao Mestre de Aviz não fica legado algum; primeiro indicio de que a menina que se criava no mosteiro de Santa Clara, não era irmã d'elle Mestre, por que nenhuma razão haveria para não dotar o Mestre, e dotar a irmã, quando a respeito dos filhos legitimos não houve esta differença; e até a igualdade do dote da menina com o de Dona Brites, que ambos sam de cem mil libras, o dá a entender, dote maior que o dos irmãos, e que o de Dona Maria; por onde é muito de suppor, que as duas eram filhas de Dona Ignez de Castro, tão querida, e amada de D. Pedro. Mas vamos á advertencia de Baião: — *Neste testamento descubro uma cousa notavel, em que atégora não vi, que Escritor algum reparasse; e he que aponta El Rey, trez filhas; as duas, que só lhe assinão, das quaes declara os nomes, e huma, que não nomea, dizendo: Que se criava em Santa Clara de Coimbra, de que infere o Author da Historia Serafica, que era Dona Brites; o que não pode ser, porque esta era já de tal idade, que seu pay muito antes de morrer tratou de a casar com El Rey Dom Pedro de Castella, que já se não achava em termos, nem idade de esperar que se lhe criasse a esposa, etc.* — E se Baião faz esta judiciosa reflexão a paginas 283, como é que escreveu o seguinte a paginas 265? — *Favoreceu muito os seus Mosteiros, particularmente os de Santa Clara de Lisboa, Santarem, e Coimbra, onde tinha tanta devoção, por ser obra da Rainha Santa, sua avó, que allí mandou criar a Infanta Dona Brites, sua filha, etc.* — Já vimos, e veremos ainda mais, que não era Dona Brites, mas outra filha menor de Dona Ignez de Castro, cujo nome não sabemos. Continua a advertencia de Baião: — *O certo he que aquella era di-*

versa; porque criação suppoem meninice, e Dona Brites, quando seu pay faleceo, passava já pelo menos muito dos doze annos, e se disseccmos que de vinte, não seria temeridade, pois seu pay pondo a todos os filhos pela ordem, e preferencia da idade, a antepoem aos irmãos varões, o que não fizera se não fosse mais velha, mayormente sendo femca, tempo em que ja tinha mui pouca necessidade de criação, nem elle a tinha de a nomear duas vezes, e com alguma diversidade de termos, não o fazendo de outro algum filho. Entra agora a duvida de se era filha de Dona Ignez de Castro, se de outra mulher? Contra o ser filha desta milita a mesma razão de não ter já necessidade de ser criada, pois sua mãy era morta havia mais de doze annos; por onde, como *El Rey falla della de presente crião, e lhe não chama Infanta, como intitula a todos os outros, e a pospoem a todos elles, que nomea pela ordem das idades, entendendo ser filha de outra mulher, e quicã irmã do Mestre de Aviz, D. João, e ficar muito menina, de sorte, que nem seu pay, quando testou, estava lembrado do seu nome, que devia ser fallo de memoria, pois lhe esqueceo brevemente o notavel dia, em que casou com Dona Ignez de Castro; e que morreo nessa idade; por onde o Chronista, e todos os mais se esquecêrão della; nem he maravilha: pois destes, e outros descuidos se achão muitos nas Chronicas antigas, etc.* — Eis aqui miseraveis allucinações de Baião: não viu elle, que Fernão Lopes afirma no cap. 1.º, que D. Pedro de nenhuma das amigas teve filhos, senão de uma Dona Tareja Lourenço, de quem houve D. João, o Mestre? E dizendo o dia, mez, hora, e logar em que nascera, com tanta individuação, calaria o nascimento de uma filha, se a houvesse? Não viu elle outra vez no cap. 45, que D. Pedro não quizera nunca receber mulher depois de morta D. Ignez; mas que houve um filho de uma Dona, etc.? note-se que diz filho, e nunca falla em filha. Se Baião tivesse lido Fernão Lopes com mais madureza, ahí veria a força da palavra criação, que não é incompativel com a ida-

de de 12, ou 13 annos que podia ter a menina, sendo filha de D. Ignez: a criação em um mosteiro, não devia ser dos primeiros annos, por que essa é mais propria das amas; acabada esta entra a educação propria dos mosteiros, a que a Chronica chama criação: vejamos Fernão Lopes a paginas 27. — *Mandou-o El Rey criar em quanto foi pequeno a Lourenço Martins da Praça, e depois o deu, para que o criasse, a D. Nuno Freyre de Andrade: eis aqui criação sem ser já pequeno: vejamos o que o mesmo diz a paginas 196: — Foi levado para a Ordem de Aviz, donde era Mestre, e até se criou alguns annos, etc.* — eis outra vez criação, sem ser pequeno. Tambem não faz força o deixar D. Pedro de chamar Infanta á menina, como intitula a todos os outros: assim como lhe não diz o nome, lhe não diz o titulo; e assim como a falta de nome lhe não tira o ser filha, tambem a falta de titulo lhe não tira o ser legitima: mas vamos á ultima advertencia, na qual Baião mostrando vislumbra a verdade, se deixa outra vez allucinar: — *Huma objecção se offerece, e he, que se era illegitima, não a devia seu pay igualar no dote com a outra, como faz; porem em alguma razão se fundaria. Aos outros filhos deixa menos, por que estavão ja dotados, etc.* — Que razão haveria, torno a dizer, para não dotar o Mestre, e dotar a irmã? Ainda que esta igualdade de dote não fora injusta, porque não era verdadeiro dote, mas legado, que se tirava da terça, da qual podia dispor livremente, com tudo faz força esta razão junta com as outras, para persuadir a legitimidade da menina; pois não legando D. Pedro cousa alguma ao Mestre de Aviz, quicã, e mais sem quicã por ser illegitimo, não parece arazoado legar tanto a sua irmã, ou a outra bastarda, e contra a existencia d'essa outra bastarda, deve a affirmacão positiva de Fernão Lopes riscar muito por cima das infundadas conjecturas de Baião.

Com os reparos que deixamos escritos, ficam inteiramente soltas as duvidas do mesmo Baião, e se da soluçãõ d'el-

las pende por ventura a verificação do facto sobre que versam, muito folgamos de ter desdado este nó gordio da nossa Historia.

### HYMNO A DEUS.

Este hymno pertence a uma collecção de poezias compostas pela maior parte em dias dolorozos de desterro e de trabalhos. Dou-o á estampa como amostra do resto que talvez publique breve. Sei que poezias das quaes a religião é alvo não serão acceitas a este seculo de tranzição e scepticismo; mas opiniões e gosto por esta senda me levaram. Segui-a por isso, e porque me persuado de que a mais nobre missão do poeta, na época presente, é ser util ao christianismo e á liberdade: nem outra cousa poderia despertar em mim algum raio de ingenho, se Deus me concedeu dom de poder revelar uma porção dessa harmonia, que elle derramou abundantemente no Universo, e de que o poeta é interprete para com o resto dos homens.

*A. H. Carvalho e Araújo.*

### HYMNO.

Nas horas do silencio — á meia noite —  
Eu louvarei o Eterno:  
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,  
E o tenebroso inferno.  
Pela extensão dos ceus meus cantos soem,  
E a lua prateada  
Pare no gyro seu em quanto pulso  
Minh' harpa a Deos sagrada.  
Antes de tempo haver — quando o Infinito  
Media a Eternidade —  
Elle existia só, na plenitude  
Da sua immensidade.  
Ainda então do mundo os fundamentos  
Na ideia se escondiam  
Do Omnipotente, e os astros esplendentes  
No espaço não volviám.  
Eis o Tempo, o Universo, o Movimento  
Das mãos sae do Senhor:  
Surge o Sol, lança os raios, desabrocha  
A primitiva flor.  
Sobre o invisivel eixo range a terra:  
O vento o bosque ondea:  
Retumba ao longe o mar: da vida a força  
A natureza ancea.  
Quem dignamente, oh Deus, hade louvar-te  
Ou cantar teu poder?

Quem sumidas canções dos terrosos labios  
Ousará desprender  
Ao dia da creação; quando os thezouros  
Da neve amontoaste:  
Quando da terra nos mais fundos valles  
As aguas encerraste! —

E eu, onde estava, quando o Eterno os mundos,  
Com dextra poderosa,  
Fez, por lei immutavel, se librassem  
Na mole ponderosa?  
Onde existia então? — No typo immenso  
Das gerações futuras;  
Na mente do meu Deus. Louvor a Elle,  
Na terra e nas alturas!  
Oh, quanto é grande o Rei das tempestades,  
Do raio e do trovão!  
Quam grande o Deus que manda em secco estio  
Da tarde a viração!  
Por cuja Providencia nunca embalde  
Zumbiu minimo insecto,  
Nem volveu o elephante em campo esteril  
Os olhos, inquieto.

Quando o feroz aor se arroja e empolga  
A préza em que poz mira,  
Do trance da infeliz doído choro  
Aos pés do Eterno expira.  
Ouviste nessa torre erma e tristonha  
O corvo que gemia? —  
Nesse momento mesmo, além dos astros  
Seu grito retinia.  
A quem não ouve Deus? — Sómente ao impio,  
No dia da afflicção,  
Quando pésa sobre elle, por seus crimes,  
Do crime a punição.  
Homem, ser immortal, que és tu, perante  
A face do Senhor?  
E's a junça do brejo, harpa quebrada  
Nas mãos do trovador.

Olha o pinheiro negro, campeando  
Dos Alpes entre a neve:  
Quem arranca-lo de seu throno ousára?  
Quem destruir-lhe a séve?  
Ninguém! — Perpetuo reino! — oh não! Seu dia  
Extremo Deus mandou:  
Lá correu o Aquilão: fundas raizes  
Aos ares lhe assoprou.  
Soberbo — sem temor — saiu na margem  
Do caudaloso Nilo,  
O corpo monstruoso ao sol pousando,  
Medonho crocodilo.  
De seus dentes em roda o susto móra:  
Vê-se a morte sentada  
Dentro em sua garganta, se descerra  
A boca afoguada.

Qual a bronzea loriga de um guerreiro  
 E' seu dorso escamoso :  
 Como os ultimos ais de um moribundo  
 Seu grito lamentoso :  
 Fumo e fogo respira, quando irado : —  
 Porém se Deus mandou,  
 Qual do norte impellida a nuvem passa,  
 Assim elle passou.  
 Teu nome ousei cantar : — perdoa, oh Nume,  
 Perdoa ao teu cantor !  
 Dignos de Ti não sam meus frouxos hymnos :  
 Mas são hymnos de amor.  
 Embora vis hypocritas te pintem  
 Qual barbaro tyranno :  
 Mentem, por dominar com ferreo sceptro  
 O vulgo cêgo e insano.

Quem os crê é um impio. — Arreçar-te  
 E' maldizer-te, oh Deus :  
 E' o throno dos despotas da terra  
 Ir collocar nos Ceos.  
 Eu, por mim, passarei entre os abrolhos  
 Dos males da existencia,  
 Tranquillo e sem terror, á sombra pesto  
 Da tua Providencia.



### MEMORIA

SOBRE A PROVINCIA DAS ILHAS DE  
 CABO-VERDE.

(Continuada dos Numeros antecedentes.)



Os primeiros habitantes d'esta Ilha se ajuntaram, e conservaram junto ás Ribeiras na costa do N. aonde ha regadios, e se estabeleceu uma Igreja Parochial, alargando-se depois pelas Ribeiras denominadas do *Paul*, e *Javilda*, ficando povoadas uma terceira ou quarta parte da Ilha, e incultas até ao presente as mais excellentes terras para a lavoura do milho, e algodão, como a do *Mató estreito*, *Campo Redondo*, *Ursleiro*, e as circumvisinhanças, que tem pesto um bom embarcadouro abaixo do Porto do *Carvoeiro*. (m)

(m) Não devem ser deixadas no esquecimento os Altos da *Corda* e da *Caldêira*, e varias outras plataformas nos cumes das mon-

### Ilha da Boa Vista.

Tem 8 leguas de comprimento, e 4 de largo. Tem alguns montes agudos, porém para a parte de E. é toda limpa. Dista 12 leguas da *Ilha do Maio* ao N. N. E. No espaço de 2, ou 3 leguas para N. E. ha baixos de pedras, que demandam grande cautela: tem naufragado alli muitos navios.

Tem um porto a S. E. chamado o *Curralinho* em 15 e 16 braças de fundo, que tudo corre de areia até á praia. Tem outro porto da parte do S., e de frente uma Ilhota com  $\frac{1}{2}$  de legua de comprimento; entre o qual, e a Ilha não pôde haver navegação segura por haver uma restinga de pedra; porém ao S. da dita Ilhota ha bom fundo de areia com 6 até 7 braças, aonde podem surgir os navios: porém a E. d'este ancoradouro em distancia de  $\frac{1}{2}$  de legua ha outra restinga, que corre ao comprimento de uma amarra, de que se deve fugir. Tambem ha outra restinga em distancia d'esta Ilha 5 ou 6 leguas, a que os navegantes chamam *banco de pedra*, ou *baixo de João de Leitão*, aonde o mar quebra em comprimento de duas amarras, e em largura de outras duas na derrota de S. Thiago. Corre de E. a O. é de pedra viva, e deita um ramo de E. para o N. O porto principal é o do *Inglez*, muito baixo, e perigoso na sua entrada: (n)

tanhas, aonde vem os cereaes d'Europa com menos trabalho de lavoura, que na mesma Europa. A experiencia foi feita em antigos tempos por uma Colonia de Hespanhões Canarios, que alli se estabeleceu, e que tendo feito uma boa colheita, soffreu taes extorsões do Governo de então, em vez das isempções que lhes haviam promettido, que de commum accordo abandonaram o paiz. — Ainda hoje se vêem naquelles sitios desertos amostras de avêa, e cevada, espontaneamente reproduzida. (L. de L.)

(n) O A. não foi bem informado nesta parte. O porto *Inglez*, ou porto *Sabray*, tem realmente na entrada um baixo mui perigoso; mas a entrada tanto ao N. como ao S. do baixo é propria para Navios de todo o lote: — no anno de 1830 lá foi duas vezes carregado de sal um Navio de Bremen de 500

navios de grande porte não podem entrar: está bastante sujo pela falta que em outro tempo houve de se impedir que os navios lançassem o lastro na mesma parte, em que ancoravam, e por isso alli tem perigado alguns. E' mui frequentado de navios nacionaes, e estrangeiros, que alli vão carregar de sal, objecto que faz alli o principal ramo d'exportação.

### Ilha Brava.

Distá 3 leguas, e fica a O. da Ilha do Fogo. No seu porto a S. E. no sitio da *Furna* em 25 braças de fundo póde ancorar uma Náo de linha bem junto á terra: mas não é bom para tempo d'aguas.

Tem esta Ilha junto á praia muitos armazens, para onde facillimente descarregam as embarcações: ha alli alguns carpinteiros, calafates, e dous ferreiros, mas não ha madeiras, nem ferragem: as embarcações, que precisarem de concerto, e até virar de crena, pódem fazer-lo com auxilio de alguns lambotes, que alli mesmo se encontram: mas é necessario levarem materiaes.

Ha n'esta Ilha uma Ribeira, de ambos os lados cerrada de altos, e inacessiveis rochedos, e principiando a 600 passos do mar, n'elle desemboca ao S.O., aonde ha uma enseada de bom fundo de areia, e 24 braças d'agua no ancoradouro, com o nome de *Enscião*.

Em um d'estes rochedos da banda de S.S.O. em pouca distancia do embocadouro na altura de 60 passos, ha concavidades formadas em pedra viva, abrigadas da chuva, nas quaes se encontram diferentes veios de salitre da grossura do gume de uma faca até 2 polegadas, as quaes concavidades continuam pela

tonéis; e eu mesmo não duvidaria comprometter-me a pilotear na entrada uma Náo de 3 pontes. O A. tambem não faz menção de um porto situado a E.N.O. da Ilha (chamado vulgarmente do N.), o qual, bem que perigoso, é bastante frequentado por a vizinhança em que está de uma salina natural, que produz sal tão bom, ou melhor que o do Maio. (L. de L.)

Ribeira acima na mencionada altura, no comprimento de 100 passos, e na profundidade pouco mais ou menos de 1, e tem de altura 4 até 8 pés irregularmente.

O rochedo é negro, como queimado, sem vegetal algum, e só na Ribeira, aonde principia, ha hervas gramineas, e alguns arbustos rasteiros, a que chamam *Tarrase*, que se assemelha á *Sabina folio cupressus*.

Os habitantes tiram o salitre da superficie, raspando-o á faca, e o d'entre as pedras com picaretas, e machados penetrando os veios pela rocha dentro na profundidade de pé, a pé e meio, o que fazem com repugnancia, assim pelo trabalho de subirem áquelles lugares, descendo em partes por cordas, como por falta de todos os aprestes necesarios para este fim. Este salitre é nativo da rocha, e d'alli vem o que se aeha no terreno contiguo. D'este nitro se mandaram em Junho de 1799, 13 caixões para Lisboa.

A lenha em toda a Ilha é tão pouca que mal chega para o indispensavel consumo dos habitantes, e as madeiras são de tão má qualidade que os mesmos cabos das enchadas se mandam ir das outras Ilhas.

Ha n'esta Ilha, não longe da povoação, uma fonte chamada a *Fonte do Vinagre*. A agua na nascente é acida a ponto de servir para limonada: passadas 24 horas tem perdido a acidez, é optima, e promove muito a digestão.

No porto da *Furna* ha outra fonte, cuja agua torna negra qualquer peça de prata, que n'ella se metta.

E' muito abundante d'agua, gallinhas, porcos, vinho, feijão, milho, etc. e dará tudo quanto alli se cultivar. E' tão sadia como S. Antão, e as boas terras da Europa.

Tem a N.O. outro porto chamado *Fajó d'agua*: é grande, limpo, e bom para a estação das aguas: ainda mesmo na estação de brisas lá vão muitos navios.

Ao norte e proximo d'esta Ilha, está um Ilheo chamado *O do Rombo*: terá mais de meia legua em circumferencia,

e vai correndo com muitas pedras para E., sobre as quaes, e em algumas cavidades, que ellas tem, se fórma espontaneamente, sal muito bom, e muito claro com agua, que alli salta do mar, quando está mais elevado. Além d'este Ilheo ha outro chamado o *Ilheo Grande*, um pouco maior que o do *Rombo* ao S., quarta de S.O. d'este. Além destes dous ha vizinhos outros mais pequenos. Entre todos elles podem passar navios de toda a grandeza: tem muita altura, e são mui limpos. Todos elles são incul-tos.

Ha n'aquelles Ilheos immensas aves grandes, e pequenas, que alli eriam em covas na terra, que para esse fim algumas cavam tortuosamente. Os habitantes da Brava vam alli á caça das aves, que matam com páos, e de que por serem todas gordissimas, tiram todo o azeite, de que se servem para luzes. Ha tambem naquella paragem immensidade de excellente peixe de todas as qualidades.

Aquelles Ilheos não tem agua doce: ha n'elles alguns algodoeiros, que parecem prosperar mais que os das outras Ilhas.

A *Ilha Brava* é mui fresca; seu terreno mui pingue e fertil.

#### *Ilha do Fogo.*

Está a O. quarta de N.O. da Ponta do S., e a 11 leguas de distancia da Ilha de S. Thiago.

A figura da Ilha do Fogo é redonda, de rocha viva a pique, e mui alta. O mar é alli mui bravo, e perigoso o desembarque, principalmente no tempo das aguas.

Tem dous portos: o de N. Senhora no S.O. da Ilha: é grande, limpo e bom, para o tempo de brisa: o desembarque é alli muito máo pela grande vaga do mar. O outro é o *porto da Villa* no N.O. da Ilha: tem seu rato de pedra, mas é bom para se fundear no tempo das aguas. Em qualquer d'estes dous portos se fundeia de 6 até 12 braças.

S. Philippe é a Villa Capital da Ilha, e ha n'ella uma Fortaleza. Tem alguma agua salobra para gastos: a de be-

ber fica a duas leguas de distancia, e conduz se em barquinos, (em burros)

Fabricam-se n'esta Ilha bons pannos de algodão, e d'elles se fazem excellentes colchas para camas, toalhas de meza, riscados para calças, etc. E' nesta Ilha, que vive o actual Ouvidor Geral, unico Ministro d'aquella Provincia.

João Carlos da Fonseca, Capitão Mór que depois foi da Ilha de S. Vicente teve na Ilha do Fogo um casal de camellos, que lhe vieram das Ilhas Canárias, aonde ha abundancia d'estes animaes. A fema morreo logo; não houve alli propagação.

A carga de cada um d'estes animaes era para cima de 30 alqueires de milho, medida d'estas Ilhas, que pela de Lisboa é 671.

A Ilha do Fogo tem um volcão sobre o Pico, que está do centro da Ilha para o N., 7 leguas da Villa de S. Philippe. Este volcão tem feito varias explosões, a ultima foi em Agosto de 1799, que principiando por um trovão subterraneo pelas 8 horas da manhã, abriu um grande buraco na falda do Pico, pelo qual expulsou uma fumaça de cinzas, e areias, que toldou a atmosphera, de maneira que parecia sol posto. Meia hora depois d'este quasi escuro, começou a chover uma areia, que cobriu com altura de meio palmo a superficie da terra por toda a Ilha. Esta chuva d'areia e cinza chegou á Ilha de Maio, perto de 30 leguas. Na noite d'este dia appareceu a Ilha toda illuminada, e se soube depois na Villa, 7 leguas do volcão, que pelo sobredito buraco, depois da sahida da cinza, e areia, começara a correr grande quantidade de lava, durando por 27 dias, chegou ao mar, desfez penedos, encheo a ribeira chamada da *Palha carga*, convertendo-a depois de esfriar em um monte oblongo. Levou muitas casas, gados, e destruiu fazendas, e entrando pelo mar dentro 40 braças poueo mais ou menos, appareceram peixes mortos, no cimo d'agua. Formou-se então uma Babia na praia, que por essa occasião se creou. Reben-taram alli duas fontes d'agua doce, que ainda hoje existem. Aquella grande lom-

ba de Java conserva em algumas partes tanto calor, que ainda hoje se podem assar ovos. Há n'ella pedras pesadissimas, e muitas outras differentes materias: no principio achou-se alli enxofre bem caracterizado. (o)

A Ilha do Fogo é mui saudavel apesar de ser tão quente, ou ainda mais que todas as outras. N'esta Ilha prospera tudo quanto nas outras se cria; e melhor ainda o vinho, tabaco, repolho, alface, pera, etc. não precisando de tanta chuva, como as outras.

Tem muitas fontes de boa agua, junto ás praias, como na praia *Ladrão* — da *Pena* — *N. Seuhora do Socorro* — *Faiasinha do Mosteiro* — *Corvo* — *Palha carga*, e outras. Pelo interior ha somente uma fonte em um lado perto do cume da serra, que fica por detraz da Villa, fazendo frente ao pico, ou volcão, a qual fonte sendo na sua origem duas telhas d'agua, perde-se nos areiaes. Seria facil conduzir esta agua á Villa pela encosta da Serra: é distancia de duas leguas, em que encontrava muitas fazendas, que melhorava. Esta agua é na sua nascente frigidissima.

O milho da Ilha do Fogo reputa-se o melhor do de todas as Ilhas de Cabo Verde, de sorte que na Madeira se vende ordinariamente um tostão mais caro por alqueire que o das outras Ilhas.

#### *Ilha de Santa Luzia.*

Esta Ilha sugeita á de S. Nicoláo, tem de comprimento 13 leguas. Ficam lhe perto as duas Ilhotas *Branco*, e *Razo*, de que se fará menção na Ilha de S. Nicoláo.

O porto fica a O.S.O. da Ilha com uma praia mui vistosa toda de areia. É mui limpo; e tem agua doce ao pé do monte, em pouca distancia pela terra dentro. Junto da praia tem uma Ilhota pequena.

A ponta d'esta Ilha está para o S.,

(o) Agora mermo se encontra bastante enxofre na Crátera do Volcão, que hoje se acha totalmente extincto.

e corre para o N. O. Haverá na derrota de S. Thiago para esta 30 leguas.

Póde colher-se n'ella algum ambar, que o mar alli lança, e tartarugas, que alli sahem. Com pouco trabalho podia produzir muito algodão (ha alli algum), e outras cousas.

Por Aviso da Secretaria d'Estado dos Negocios Ultramarinos, em 1798 Approvou S. M. que a Ilha deserta de S. Luzia se povoasse pelo Capitão-Mór, Commandante da de S. Antão. (p)

#### *Ilha do Maio.*

Está a E., e em distancia de 5 ou 6 leguas da Ilha de S. Thiago, d'onde se avista.

O principal porto d'esta Ilha é denominado *do Inglez*: é mui frequentado de navios nacionaes, e estrangeiros, que alli vam carregar de sal, que é da melhor qualidade. É costa de mar, mas tem bom fundo: é a S.O. da Ilha, fica por isso abrigado do vento, que aqui sopra sempre, excepto em alguns dias dos mezes das aguas.

Há n'esta Ilha uma grande salina natural, como se verá no Art. *Sal*.

Anda de 4:000 moios para cima o sal, que annualmente se exporta da Ilha do Maio.

A Casa da Alfandega do porto *do Inglez* é a melhor de todas as Ilhas: foi feita debaixo da direcção de Antonio Soares Tima, Feitor da Fazenda Nacional n'esta Ilha.

No banco d'areia, que n'esta Ilha se acha entre o mar, e a salina, se se abre uma cova de uma braça que seja, apparece agua doce, mas dentro de poucos dias faz-se salobra, e logo salgada. D'aquella agua, em quanto é doce, se servem todos os habitantes da povoação do porto *do Inglez*; e os navios alli fazem a sua aguada.

Quasi toda a Ilha é inculta: serve de pastagem para gados: ha apenas algumas hortas, junto ás Povoações, que produzem tudo o que ha pelas outras Ilhas.

(p) Apesar de tudo isto ainda hoje se acha totalmente deserta.

A maior horta é a da *Alagoa* d'immensos donos; é pantanosa, e costuma semear-se em Janeiro, depois de acabarem as chuvas, e secar o pantano.

#### *Ilha de S. Nicoláo.*

Da ponta do N.O. da Ilha de S. Thiago á ponta do S. d'esta Ilha vão 24 leguas, e navega-se no rumo de N., quarta de N.O.

Da parte do S. tem um porto, a que chamam da *Perguica*: e na entrada d'elle lança a terra fóra ao mar uma grande pedra, a que os navios se amarram: dista da Villa pouco menos de duas leguas. — Ha outro *Porto* chamado do *Tarrafal* ao Noroeste do da *Perguica*: dista da Villa mais de 3 leguas: póde surgir-se nelle em 6 ou 7 braças. — Tem outro *Porto* a que chamam da *Furna*: é pequeno, e poderá apenas receber 6 ou 7 navios não sendo do porte de 200 toneladas. Todos estes 3 portos são limpos. O *porto da Furna* é seguro nos mezes da sêcca, ou da brisa, mas perigoso no das aguas: os outros dous sam bons para todo o tempo.

O principal Porto da Ilha de S. Nicoláo, é o denominado *Velho*; fica no S. da Ilha, é grande, limpo, e bom para todo o tempo, menos o das águas: neste deve procurar-se o do *Tarrafal*, que fica no O. da Ilha: é grande e bom para todo o tempo, assim de sêcca como de aguas, não sendo todavia naquelle tam procurado, por ficar mais distante da Povoação do que o *Velho*. Tem tambem o Porto da Lapa, de todos elles o mais antigo: fica no S. O. da Ilha; é tão bom como o *Porto Velho*; mas como fica tambem em maior distancia da Povoação, não é tão demandado. Continuado com o *Porto Velho* é o Porto da *Perguica*, para o qual se entra só para virar de crena, ou para qualquer fabrico, ou para muita demora.

Do meio desta Ilha para a parte de O. N. O. ha uma Ilhota despovoada que terá legua e meia em circumferencia: chama-se *Ilheo raso*: é cortado tanto a pique que póde o Navio pôr o gurutpe em terra, assim da parte de E. como

pela do S. Este Ilheo dista da Ilha de S. Nicoláo perto de duas leguas.

A O. N. O. do *Ilheo raso* ha outro a que chamam *Ilheo branco*, mui alto, e quasi redondo. Tambem é despovoado. Tem da parte do Sul uma praia de 160 palmos de comprido com dez braças de fundo.

A *Ilha de S. Nicoláo* reputa-se a melhor de toda a Provincia. E' mui fertil: cortada de algumas ribeiras, e alguns regatos, na margem dos quaes se produz bastante vinho (chega a dar-se ao dizimo de 60 a 100 pipas;) porem é fraco, e atura pouco pelo máo fabrico que lhe dam. Esta Ilha é tam sadia como as terras mais sadias de Portugal. (q)

#### *Ilha do Sal.*

Está a N.N.E. da Ilha de S. Thiago, da qual dista 23 leguas.

O Porto, que se denomina da *Palmeira*, fica no S. O. em uma praia d'areia: é pequeno, mas limpo, e bom para tempo de brisa; para o d'agoa não. Tem uma Ilhota da banda de E. junto á terra; e ao N. ha uma Enseada, com um baixo de recifes.

Tem outro Porto denominado *Rabo de Junco*, um pouco ao S. do da *Palmeira*: é grande, limpo, e bom para o mesmo tempo que aquelle. Este Porto é na falda de um monte, igualmente chamado *Rabo de Junco*, onde as pessoas, que alli vivem, fazem grandes fogueiras, que é o sinal para serem soccorridas da Ilha da Boa Vista.

Esta Ilha tem bastantes cabras, e burros bravos. Ha nella alguns algodoeiros. Nas praias encontram-se algumas tartarugas, e ambar.

A Ilha do Sal foi deserta até que o Sargento Mór Manoel Antonio Martins,

(q) O A. foi tambem mal informado nesta parte — A Ilha de S. Nicoláo, aliás mui importante em suas produções, não gosa comtudo em geral da salubridade aqui indicada, e é mesmo sujeita a frequentes epidemias. Depois de Sant' Yago, ella pode passar pela mais doentia.

L. de L.

em consequencia de uma Portaria do Capitão General com data de 25 de Fevereiro de 1808, se propoz a povoar-la de gado, e depois a extrahir della o Sal, que tem em muita abundancia, para cuja conducção, até o porto d'embarque fez á sua custa um caminho, no qual despendeo mais de 600:000 reis: mantendo desde então muitas pessoas, que alli conserva, e a quem subministra os viveres, e agua (que a Ilha não tem senão quando chove,) que lhes envia da Ilha da Boa Vista, que fica proxima, e na qual elle se acha estabelecido.

Só depois que aquelle Sargento Mór tomou conta da Ilha do Sal é que a Fazenda N. tem della algum rendimento.

#### *Ilha de S. Vicente.*

Tem esta Ilha oito legoas de comprimento, e tres e meia de largo: dista da de S. Thiago 44 legoas: está cercada de enseadas, e portos aonde podem fundear sem perigo, e com toda a qualidade de vento as Embarcações; especialmente em um delles da parte da Ilha de S. Antão, mui alegre, com o fundo todo de areia, que póde dar ancoradouro a mais de 300 Navios. Tem agoas — uma salina — bellas planicies — pastos abundantes — terreno proprio para a producção do Algodão, e mais generos, que se cultivam nas outras Ilhas: tem finalmente muita urzella, vacas, cabras, e burros pertencentes á Fazenda N. E? sabia.

Ha na entrada daquelle melhor, e vasto Porto, um Ilheo, ou grande Rochedo, distante do surgidouro um quarto de legoa: donde uma Fortaleza defenderia toda a Praia, e todo o surgidouro.

Esta Ilha em outro tempo era de muito rendimento pelas muitas pelles dos animaes, que nella se matavam. Colhe-se alli algum ambar, que se acha pela praia, e algumas tartarugas, que a ella saem.

Em 1781 baixou ao Conselho Ultramarino um Decreto em que S. M. determinou que se povoassem as Ilhas de S. Vicente e outras desertas de Cabo Verde, dando para esse fim as necessa-

rias providencias, beneficiando os novos povoadores com isenção dos foros por tempo de dez annos; e mandando applicar os dizimos dellas para a edificacção das Igrejas. Nada disto se levou á execução.

Por Carta Regia de 22 de Julho de 1795 concedeo S. M. a João Carlos da Fonceca, da Ilha do Fogo, o povoar a Ilha de S. Vicente para o que lhe foram dados muitos instrumentos de lavoura, sementes etc., e as seguintes

#### *INSTRUCCÕES.*

*Que se devem praticar com a nova povoação da Ilha de S. Vicente, uma das desertas da Capitania de Cabo Verde, Mandadas observar por Carta Regia de 22 de Julho de 1795.*

» O actual Governador da dita Capitania Jose da Silva Maldonado d'Eça, a quem S. M. Encarrega a execução deste negocio, logo que receber as suas Renes Ordens, expedirá Aviso a João Carlos da Fonceca, morador na Ilha do Fogo, para que se apronte com os seus escravos a fim de ir povoar a Ilha de S. Vicente, com o posto de Capitão Mór della, e com os Privilegios, isenções, e remunerações, que abaixo se declaram. »

» Fará ao mesmo tempo aprontar os 20 Casaes das outras Ilhas, e os mais povoadores, que já desta Corte se remetteram com igual destino, sendo todos transportados á custa da R. Fazenda; e igualmente fará aprontar as ferramentas, petrechos, munições, e mantimentos, que forem necessários para esta Expedição, servindo-se dos que já se enviaram, e nesta occasião se remetem para esse effeito, e comprando-se á custa da mesma Fazenda R. tudo o que for indispensavelmente necessario. »

» Permite S. M. que os referidos 20 Casaes possam levar consigo os seus Escravos, se os tiverem, mas expressamente prohibe que das outras Ilhas se possa transportar maior numero de Casaes, por se não julgar conveniente que esta nova povoação se execute com os habitantes dessas Ilhas, quando pouco a pouco se

lhes podem ir introduzindo Casaes do Reino, e das Ilhas dos Açores, que se reputam mais activos, e laboriozos, e mais capazes para semelhantes estabelecimentos. »

» Prevenidas que sejam as cousas com a necessaria antecipação, e disposto o dia para o embarque, e transporte dos povoadores, e do mais que se carecer para a execução deste importante objecto, passará o Governador nessa occasião á dita Ilha de S. Vicente para authorizar com a sua presença, a posse, e distribuição das terras, e do mais, com que hão de ser soccorridos os referidos povoadores, indo acompanhado do Provedor da Fazenda R., e do Escrivão da mesma Marcellino Antonio Basto, e de um Official Engenheiro, ou de quem possa supprir a falta deste; e para de commum accordo, e maior acerto se assinalar o lugar da povoação, e o terreno, que hade pertencer á Camara, quando alli se houver de erigir a Villa, e para se distribuir a porção do terreno, que hade pertencer a cada um dos povoadores, na forma abaixo expressada. »

» Para os ditos transportes poderá o dito Governador servir-se do Paquete de S. M., ou do Hiate, que agora vai destinado a conduzir a Urzela para esta Corte, pois não é justo, que por falta de Embarcações, e do necessario soccorro se retarde, e malogre esta importante diligencia. »

» Chegados que forem á dita Ilha, passará logo patente de Capitão Mór ao sobredito João Carlos da Fonseca, a quem S. M. confere o dito posto, e promete remuneração de serviços no fim de 12 annos, além dos privilegios, e isenções, que lhe tocam como povoador, se mostrar que com a sua actividade, zêlo, e prudencia cooperará para os progressos, e aumentos da lavoura, e da população da mesma Ilha, e para a regularidade, harmonia, e bons costumes dos seus habitantes: e se outrosim fizer certo que á sua custa erigiu Igreja decente, e sustentou o Parocho della nos primeiros seis annos da sua fundação. »

» Ao referido Capitão Mór obedecerão no que for concernente ao bem publico

os povoadores que alli se estabelecerem, e todos ficarão subordinados aos governos Ecclesiastico, civil, e militar dessa Capitania, podendo elles em caso de necessidade recorrer ás justicas da Ilha de S. Antão em quanto não tiverem Juiz proprio com jurisdicção para conhecer das suas dependencias, e de sentenciar as suas causas. Na distribuição das terras se attenderá ao numero de braços, que tiver cada um dos Casaes para a cultivar, a fim de que a repartição se faça com a devida proporção, reservando-se não só o terreno, que hade pertencer á Camara, mas tambem o que pelo tempo adiante se hade ir repartindo pelos mais Casaes, e povoadores, que forem habitar a dita Ilha, estabelecendo-se para ella um livro de tombo, em que se deve lançar com toda a individuação, e clareza a quantidade, que se conceder a cada um dos colonos, e passando-se a estes os competentes titulos com as devidas confrontações, e com as declarações dos foros, que hão de pagar depois de findo o tempo da isenção, que se lhe concede, para desta sorte se evitarem dúvidas, e contendas, prejudiciaes tanto ao socego dos ditos Colonos, como aos interesses da R. Fazenda. »

» Concede S. M. assim ao referido Capitão Mór, como a todos os mais povoadores o privilegio de isenção de foros, dizimos, e quasquer outras contribuições por tempo de 10 annos contados do dia, em que cada um delles tomar posse do terreno, que se lhe conferir, para que ajudados, e soccorridos com este beneficio possam melhor estabelecer-se, ficando porém obrigados, findo que seja o referido praso, a satisfazerem á Fazenda R. não só os dizimos, e mais direitos estabelecidos nas outras Ilhas, mas tambem o foro competente, que lhe será imposto com a necessaria moderação. »

» Sem embargo da referida isenção dos dizimos pelo espaço de 10 annos deverá a Fazenda R. satisfazer a competente congrua ao Parocho desta nova povoação depois de findos os primeiros 6 annos, em que hade ser pago á custa de

Capitão Mór, na forma acima expressada. »

» Pela R. Fazenda se assistirá logo aos ditos povoadores com ferramentas, espingardas, e polvora, e com algum soccorro de mantimento aos que o necessitarem tanto para as suas lavouras como para se sustentarem, em quanto não colherem os frutos das suas plantações, e sementeiras, distribuindo-se tambem por todos elles com a devida proporção, e igualdade os gados, que ha na Ilha, pertencentes á R. Fazenda, reservando-se porém algum para se ir semelhantemente distribuindo pelos futuros povoadores, a fim de que por meio deste beneficio possam promover, com interesse proprio, o augmento do mesmo gado. »

» A todos os moradores, que de futuro se forem estabelecer na dita Ilha de S. Vicente se assinalarão terras incultas para as cultivarem com as devidas confrontações, e clarezas, na forma recommendada, a respeito dos que forem no tempo da fundação, distribuindo-se-lhes igualmente ferramentas á custa da R. Fazenda, e algumas cabeças de gado, assim como se manda praticar com os outros, e concedendo-se-lhes os mesmos privilegios e isenções pelo espaço dos ditos 10 annos. »

» Para defesa propria, e natural dos mesmos povoadores, serão entregues ao dito Capitão Mór algumas espingardas, polvora, e munições, não só para se acautelar qualquer incidente que possa acontecer, mas tambem para que o dito Capitão Mór haja de ir distribuindo as ditas espingardas por aquelles Colonos, que mais se distinguirem nos trabalhos da lavoura, e derem próvas da sua actividade, e bom comportamento. »

» Deixa-se ao prudente arbitrio do referido Governador o fornecimento, e distribuição das ferramentas, mantimentos, e generos, que se devem despender com esta fundação; e se lhe recommenda muito a possível economia, com que deve zelar a R. Fazenda, sem se faltar comtudo á execução de tam util estabelecimento. »

» Para que nesta diligencia não haja alguma duvida, ou motivo, que retar-

de, ou embarace a sua execução, poderá o mesmo Governador providenciar em todos os casos occorrentes como lhe parecer mais acertado, conveniente ao R. Serviço, não deixando porém de cumprir o que por estas instrucções se lhe ordena. »

» Logo que estiver conhecida esta Commissão, e arranjadas as cousas na conformidade do que acima se determina, voltará o dito Governador para a Ilha, Capital da sua residencia, com as mais pessoas, que se devem recolher a ella, donde dará immediatamente conta exacta, e circunstanciada de tudo o que tiver feito, e se lhe offerecer sobre este assumpto, dirigindo-a á Secretaria de Estado respectiva, para ser presente a S. Magestade. Palacio de Queluz em 22 de Julho de 1795 = Luiz Pinto de Souza =

*Relação de Instrumentos, e preparativos, que de Lisboa vieram para a povoação da Ilha de S. Vicente em 6 de Outubro de 1795.*

Barracas de Capitão Portuguezas com as suas competentes madeiras 3 — Ditas de Subalternos 4 — Barraquins de Infantaria 50 — Espingardas Inglezas concertadas, com baionetas, e varetas de ferro, e ferragem de latão 20 — Martelinhos novos. 20 — Patronas com correias, e cartucheiras 20 — Bandoleiras de Espingarda 20 — Guarda fechos 20 — Balas de chumbo 100 — Arrobas de chumbo para caça 8 — Enxadas com seus cabos 100 — Picaretas com ditos 100 — Machados com ditos 100 — Foices ordinarias 100 — Alavancas sorteadas 24 — Sachos com seus cabos 20 — Serrotes de mão 40 — Serrotes grandes de duas mãos 10 — Fouces roçaduras 25 — Enxós de Carpinteiro de obra branca 40 — Ditas de Carpinteiro de machado 10 — Martellos de Carpinteiro 50 — Rebotes 50 — Formões sorteados 50 — Altar postatil com seus pertences 1 — Polvora entre fina, barris 4 —

Trigo, Alqueires 6 — Milho, ditos 6 — Sevada, ditos 6 — Feijão branco, ditos 3 — Dito fradinho, alqueires 3 — Favas, ditos 3 — Grão de bico, ditos 3

— Ervilhas, ditos 3 — Lentilhas, ditos 3 — Sal, moios 3.

Com aquelles despachos, instrucções, instrumentos de agricultura, e com 30 escravos (tendo offerecido 50), e mais 20 casaes com 112 almas, passou da Ilha do Fogo para a de S. Vicente, João Carlos da Fonseca Rosado. Nunca vieram os casaes, que elle esperava do Reino, e das Ilhas dos Açores, nem alguma outra providencia. Fez casas para a residencia do Parocho, pagou a este a Congrua por 6 annos; mas para poder fazer tudo isto, e tambem para se sustentar a si, e aos colonos, vendeu alguns escravos; os seus recursos afiguravam-se-lhe maiores do que realmente eram. A Ilha novamente povoada nunca deu fructos, com que podessem sustentar-se os novos povoadores; dos quaes uns por malevolencia, e outros por preguiça não só o não ajudavam, mas nem lhe foi possível cohibil-os de destruir os instrumentos que havia, de proposito para não trabalharem, e quando se achavam convencidos de prevaricação, receiando castigo, desertavam. Ficou o mesmo Capitão Mór reduzido a tal estado, que andava descalço; e com a pesca da cana, e alguma pinga de leite, a muito custo ia sustentando a vida. S. M. compadecendo-se da penivel situação, a que se achava reduzido aquelle Capitão Mór, Reformou-o no posto de Coronel de Milicias com o soldo de Capitão de Infantaria, por Decreto de 12 de Outubro de 1814; o que o agraciado não chegou a perceber: faleceu antes de constar na Provincia a mercê que S. M. lhe havia feito.

De toda a população de João Carlos da Fonseca na Ilha de S. Vicente, ainda hoje não chegarão a 100 os habitantes (r) d'aquella Ilha, tendo já decorrido 24 annos! Distribuidos por tanta extensão, que a Ilha tem, aquellas 100 pessoas, não se dando essas mesmas, como devem, á Agricultura (para a qual na-

(r) Excedem de 300 actualmente, e o novo Governador *Marinho* levou instrucções para promover de todas as maneiras o augmento d'aquella povoação. *L. de L.*

quella Provincia ha aversão) aquella Ilha pôde chamar-se ainda deserta. Sabemos que um interessante Portuguez, por uma parte informado da fertilidade do terreno da Ilha de S. Vicente, e bondade do seu ancoradouro, e constando-lhe por outra, o quanto se achava abandonada, considerando que se tal Ilha se lhe desse de sesmaria a poderia fazer cultivar por seus Feitores, e Caseiros, de maneira que fosse util a elle, á Fazenda N., e ainda ás outras Ilhas pelo exemplo, que lhes daria de uma bem entendida lavoura, estradas, engenhos, artes, e povoação; emprehendeu este negocio por um requerimento, cujo extracto me parece vir aqui a proposito.

Entre as laboriosas descobertas promovidas pelo famoso Infante D. Henrique, foram as Ilhas de Cabo Verde, na era de 1460: ellas ficaram comtudo em total desaproveitamento, e abandono pelos seus primeiros descobridores, em razão de seus grandes calores, e ar tão máo que a terra era mui doentia, e a maior parte da expedição enfermára, e morrêra n'aquelle descobrimento. Com o andar dos tempos muitas d'ellas se tem aproveitado, cultivado, e povoado, de maneira que hoje em dia ha nellas grandes povoações, alguma agricultura, e algum commercio; effeito estes de liberaes concessões Regias de sesmarias aos seus primeiros povoadores, e de saudaveis Leis, Decretos, e Regimentos em beneficio da lavoura, em diferentes epochas expeditas áquella Provincia; sendo aquellas distribuições feitas pelos poderes dados a Martins Affonso, na Carta Regia de 20 de Setembro de 1530, como se vê das Cartas Regias de 28 de Setembro de 1532, e do 1.º de Setembro de 1534: apesar porém de tam sabias medidas não deixou de ficar quasi toda inculca, e no primitivo estado da natureza até hoje, e pelo dilatado espaço de mais de 3 Seculos. Esta Ilha é pela maior parte plana; tem todavia alguns montes a grandes distancias: tem poucas arvores, e é na maior parte coberta de pastagem para animaes: tem bom ancoradouro para navios de todas as quilhas. Estas reconhecidas vantagens sam de tanta importancia que por

Carta Regia de 22 de Julho de 1795 se ordenou ao Governador da Provincia a fizesse povoar, transportando colonos da Ilha do Fogo, e tendo-se feito outras muitas, e mui dispendiosas disposições. Tendo-se começado a dar á execução a referida Carta Regia com 20 casaes tirados da Ilha do Fogo, muitos instrumentos de agricultura, e officios fabris, e mantimentos para 2 annos, e algumas sementes, tudo á custa da Fazenda N., quasi tudo se malogrou, conservando-se na nova povoação os novos colonos, em quanto durou o mantimento importado; ficando tudo quasi como d'antes reduzido aos primitivos montes, ermos, e devolutos, conservando-se apenas muito poucos moradores em uma pequena planicie em cima do *Monte Verde* sem que dalli tenham estendido as suas plantações. Achando-se pois esta Ilha quasi toda inculta, devolutas as suas terras, sem prestar utilidade alguma ao Estado, ás Artes, ao Commercio, e aos Habitantes das outras Ilhas, está nos termos da Lei do Reino do liv. 4 tit. 43, e cit. Carta Regia de 20 de Setembro de 1530 para ser dada de sesmaria. Tendo o Supplicante, como tem, os meios necessarios para fazer cultivar o resto da Ilha, que ainda o não está, pretende que ella se lhe dê de sesmaria com reserva dos terrenos, que se acham cultivados, logradouros, estradas etc., e tudo mais que na concessão de sesmarias fica sempre resalvado; não obstante a esta concessão o Alv. de 25 de Janeiro de 1809; não só porque nelle se não prohibiram expressamente as grandes concessões, mas ainda no caso dese julgarem por elle as sesmarias restrictas a certas e determinadas porções de terreno, esta determinação foi unicamente relativa ás sesmarias do vastissimo Continente do Brazil, como no mesmo Alv. se declara, não comprehendendo tal determinação as terras de Africa, onde, em razão do máo clima, ha pouco quem as pertenda, e póssa cultivar. »

Por Aviso de 6 de Março de 1814 ordenou-se que o Governador, e Capitão General das Ilhas de Cabo Verde informasse sobre aquella pretensão, ouvindo

primeiro por escripto o Ouvidor das mesmas Ilhas. A informação subiu com pouca demora para a competente Secretaria de Estado: até hoje porém nenhum resultado tem havido favoravel ao pertendente: em consequencia a Ilha de S. Vicente em 3 Seculos, que tem de descoberta, continúa ainda no descanso da natureza, não prestando, como devia, talvez grandes utilidades a alguns particulares, ao Publico, e á Fazenda N.

A concessão d'Ilhas em sesmarias a proprietarios ricos, e zelosos do bem publico, e do seu particular, serão talvez o melhor meio de povoar, e cultivar as Ilhas. Se as das *Flores*, e *Corvo* nos Açores se povoaram, foi porque se concederam de sesmaria ao Duque de Aveiro, que para ellas transportou gente, officios, e artes necessarias. Quando estas Ilhas se incorporaram na Fazenda Nacional, em consequencia da extincção da Casa de Aveiro, a população da Ilha das Flores computou-se em 7216 almas; e a da Ilha do Corvo em 818: e 120 moios de trigo erão os fóros que a Casa d'alli recebia. Se não fosse a concessão da Ilha de S. Antão á mesma casa de Aveiro, ella estaria provavelmente hoje como está a de S. Vicente: o Duque para allí mandou Feitores, e Caiseiros, e metteu a optima escravatura da Costa de Guiné, que povoaram a Ilha de maneira, que hoje monta a 13:000 almas. (Continuar-se-ha.)



### ANACREONTE.

ÓDE DE

*João Vicente Pimentel Maldonado.*

Se o bemfadado

Anacreonte

De frescas rosas

Cingia a fronte;

Se intrépido Amador

Juncto aos umbraes da morte

Triunfa altivo, e forte

Nos versos, e no amor.

Mui facil lhe era

Obter do Pindo

Os tons suaves,

O metro lindo;

Por quando ás Bellas dava  
A noite inteira, e o dia,  
Amavel companhia,  
Que a mente lhe inflammava.

Com tal soccorro  
Que não fizera?  
Que meigos hymnos  
Não compozera?  
Bem póde o venturoso  
Nutrir o enthusiasmo;  
Causa surpresa, e pasmo,  
Mantê-lo o desditozo.

Velho de Théos,  
Cantor brilhante  
Vences o Vate,  
E não o Amante:  
Com ferros de perneio,  
De Arima separado,  
Amor he meu cuidado,  
A lyra o meu recreio.

Pombal: 6 de Janeiro  
de 1832.

NOVAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS.

*Cintra Pinturesca.*

Lemos, por ordem da Sociedade, as primeiras oito paginas da Memoria descriptiva da Villa de Cintra, que seu author denominou *Cintra Pinturesca* introduzindo no Idioma Portuguez este ultimo termo, que pela primeira vez encontrâmos. Começa lastimando a falta d'uma descripção, que sirva de guia ao Estrangeiro para o iniciar nas bellas dos arredores de *Cintra*, e propondo-se a descrever miudamente esta *parte romantica* do nosso paiz, tão celebrada por estrangeiros e nacionaes, dá-nos primeiramente idéa da sua posição, e da origem do nome de *Cintra*, e passa depois ao *historico*, que trata com apurada critica, indicando os escriptores, a que se refere nesta parte, que muito nos agradou, por ser escripta com gosto; e enriquecida de vasta erudição. — E<sup>o</sup> para desejar, que o author desta Memoria a conclua quanto antes, e verá seus esforços premiados pelo acolhimento ge-

ral, que não podem deixar de receber, no meio d'um Povo illustrado, as Obras, que ao interesse do assumpto ajuntam belleza d'estilo, quadros verdadeiros, e mimosa erudição.

Diremos de passagem ao illustre author da Memoria, a que alludimos, que se o *sombrio Byron* pudesse hoje visitar *Cintra* não diria *com razão*, que o povo portuguez não sabe avaliar os dons da bella Natureza, profusamente espalhados em tão limitado espaço. — Homens d'Estado, Litteratos, Capitalistas, Proprietarios, e a fervida mocidade vão frequentemente *convalecer* das suas vigalias, dar pausa ás especulações, e matizar a vida nesse sitio encantador, onde a Natureza parece rit-se constantemente para o homem, que a contempla.

C. LAGRANGE.

ROMANCES DE VOLTAIRE, traduzidos e annotados pelo Dr. Antodio da Costa Paiva.

Basta pronunciar-se o nome de *Voltaire*, desse *Hercules* litterario, que fez a admiração e a gloria do seu seculo, para se fazer idéa do merecimento dos seus Romances, nos quaes se disputam a primasia, as graças do estilo e as riquezas da imaginação. Fôra pois inutil demorar-nos na felicidade da escolha, que fez o Sr. *Paiva*, mimoseando os seus compatriotas com a traducção d'uma Obra, que traça com pincel de mestre os devaneios dos homens, e como que os chama ao bom caminho, servindo-se da arma do ridiculo, que o sabio de Fenei soube manejar tão superiormente.

O estilo da traducção é elegante, e accomodado ao assumpto, apresentando muitas vezes as graças do original sem toda a sua plenitude n'uma lingoagem, cuja indole differe tanto da Franceza. As notas historicas do Traductor, que denunciam grande cabedal d'escolhida erudição, abrilhantam a traducção, esclarecendo o original em alguns logares, que foram escuros para o commum dos leitores.

Os Romances contidos na Traducção, que annunciâmos, sãõ — *A Viagem da Razão* — *Como vai o Mundo* — *O Bran-*

co e o Preto = Memnon ou a Sabedoria Humana = Nicolau e João = Historia das Viagens de Scarmantado = e o Micromegas. = E' bella a edição, em oitavo francez, com uma gravura.

Honra e agradecimentos ao Sr. Paiva, que sabe fazer de seus talentos um uso tem p ovejoso para a Litteratura Nacional.

C. LAGRANGE.

OBRAS POÉTICAS DE FRANCISCO EVARISTO LEONI.

*Thipografia de Patriótica de Carlos José da Silva.*

Rua da Alalaia n.º 33, 1.º andar  
1836.

Esta Collecção Poetica, de mais de duascentas paginas em 12, e mui nitidamente estampada, tem de ser bem aceita aos poucos Amigos das Letras Portuguezas, que já com razão desconfiavam que nunca mais em vida sua sahiria a publico um Tomo de versos. Neste porem accresce ao valor da raridade, e ainda ao preço de um grande numero das Odes e mais Poemas, que encerra, uma circumstancia, que no animo de quem a bem pesar, muito lhe realça o verdadeiro merito; e vem a ser, que de annos verdissimos, e não no remanso de um aposento fechado, senão entre os passatempos e delicias do mundo, nasceram todas estas flores Poéticas, sendo que o Auctor outra cousa não fez do que apanha-las taes como lhe vinham brotando, e de todas tecer um ramalhete, em que não eouro de artificio, como aquelle que o não offerecia senão á Musa folgazan e namorada de Anacreonte e Parny.

Ainda que de ha muito, e quasi desde os dias da infancia o Sr. Leoni tenha sido um de meus constantes Amigos, não valerá tal consideração para que eu diga não haver defeito nas suas Poesias. A linguagem podéra ser mais aprimorada, e muitas vezes o estilo mais contraído e reforçado; mas um e outro desar se converte em louvor, quando bem se adverte que ambos nascem da abundancia da veia Poetica, e provam facilidade no es-

crever, o que d'entre os louvores, que a Poetas se podem dar, certo não é o menos raro.

Antonio Feliciano de Castilho.

## I N D I C E

Das materias contiudas no 4.º numero do  
Jornal da Sociedade dos  
AMIGOS DAS LETRAS.

- Da origem e progressos da Poesia de Portugal: por *Antonio Ribeiro dos Santos*, continuado dos numeros antecedentes, pag. . . . . 95
- Discurso de introducção a uma Sessão Mnemónica: recitado por *Alexandre Magno de Castilho*. . 108
- Reparos Criticos sobre alguns passos da Chronica d'ElRei D. Pedro 1.º de Portugal, escripta por *Fernão Lopes*, primeiro Chronista Mór do mesmo Reino, e accrescentada, e impressa por José Pereira Baião, na Officina de Pedro Ferreira, em o anno de 1760, os quaes tendem a provar: que foram cinco os filhos que o dito Rei houve de Dona Ignez de Castro, e não quatro, como affirmam todos os Historiadores: por *Manuel da Gama Xaro*. . . . . 113
- Hymno a Deus, por *A. H. Carvalho e Araujo*. . . . . 116
- Memoria sobre a Provincia das Ilhas de Cabo Verde, por *Jose Feliciano de Castilho Senior*. Continuada dos numeros antecedentes. . 117
- Anacreontica de João Vicente Pimentel Maldonado. . . . . 126
- Novas publicações Portuguezas. — Analyse da Memoria discriptiva = Cintra Pintoresca = e dita da Traducção dos Romances de Voltaire, do Dr. *Antonio da Costa Paiva* por *C. Lagrange* . . . . . 127
- Juizo Critico ácerca das obras Poeticas do Sr. *Francisco Evaristo Leoni*, por *Antonio Feliciano de Castilho* . . . . . 128

TIPOGRAFIA DE J. B. MORANDO.  
Rua dos Calafates N.º 114.